



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS/NOTURNO**

DIÁRIO DE UMA QUASE ARTE-EDUCADORA

Carina Ottoni de Farias Viana.

Brasília/DF

2020

CARINA OTTONI DE FARIAS VIANA

DIÁRIO DE UMA QUASE ARTE-EDUCADORA

Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Cênicas, com habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Doutor César Lignelli

**Brasília/DF
2020**

CARINA OTTONI DE FARIAS VIANA

DIÁRIO DE UMA QUASE ARTE-EDUCADORA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, apresentado à Universidade de Brasília, no Departamento de Artes Cênicas, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Teatro, com nota final igual a SS sob orientação do professor doutor César Lignelli.

Brasília, 11 de dezembro de 2020.

Professor Orientador Dr. César Lignelli

Professora Dra. Ângela Barcelos

Professora Dra. Sulian Vieira

**Brasília/DF
2020**

[Dedico este trabalho a todos os idiotas, como eu.]

AGRADECIMENTOS

Agradeço a cada estudante que já passou pela minha vida me ensinando, diariamente, como ser um ser humano melhor.

Agradeço a cada profissional de educação que me ajudou a crescer como educadora, sabendo que seremos eternos aprendizes dentro, ou fora, de uma escola, não importa o nosso cargo.

Agradeço ao meu esposo Rubens, que me apoia desde antes de ser meu esposo. Obrigada por fazer o som nas peças, por montar cenário, pegar ingresso, passar figurino, cortar tecido, queimar a barra do tecido para dar acabamento, imprimir croqui, revisar planilha orçamentária na madrugada e não correr quando te pedi em casamento frente à uma enorme plateia. Obrigada por me acordar, me alimentar, me incentivar e mimar quando as forças me faltavam.

Agradeço à minha irmã que sempre chorou quando me viu no palco. Ela sempre me enxergou. Não importa o tamanho da merda de papel que eu fazia. Você é minha maior torcedora desde sempre. Obrigada por me dar seus cheques para pagar meu primeiro curso de teatro.

Agradeço à minha mãe, que me deu a possibilidade de estudar o que eu sempre quis, mesmo depois de certa idade. Preparou marmita, me deu acesso à Internet para eu estudar, lugar onde eu podia dormir segura e confortável. Não só eu, mas para o meu namorado/noivo/esposo também realizar a sua vontade de ter um curso superior. Sua generosidade inspira! Obrigada por amar minha filha. Não tenho nem palavras...

Agradeço à minha vizinha, que rezou muito para todo teste, *casting* ou edital que participei. Obrigada, vovó. Queria que você pudesse ouvir e dançar comigo essa vitória... Que Deus tenha piedade e conforte suas dores.

Agradeço a Fernando Villar pela generosidade de me acolher, me compreender e me permitir ser artista, mostrando o quanto a pedagogia pode somar ao teatro.

Agradeço aos jovens, e nem tão jovens, que entraram comigo nessa Licenciatura, por me proporcionar dias inesquecíveis de arte, afeto e alegria. Saudades.

Agradeço ao Breno e Tobias, por me ajudarem a não assassinar o português e inglês neste trabalho. Vocês são mestres de verdade!

Agradeço ao Marley Oliveira por, além de me inspirar a ser professora de me emprestar todo seu acervo literário desde que eu voltei à UnB. Reciprocidade hoje e sempre, meu amor.

Agradeço a Luana Proença, por me ajudar quando meus livros – do Marley - desapareceram aos 45 do segundo tempo!

Agradeço à Gabi, Vanessinha, Leili e Tathy, por todo suporte emocional e amizade.

Agradeço ao professor César, pela paciência, afetividade e motivação. Sem você eu não teria conseguido. Sério.

Agradeço à minha filha amada, Cecília, por ser a minha maior professora. Te amo mais que tudo!

Vou agradecer se eu tiver outro filho também. Porque eu quero, sabe? Vai que eu tenho e ele encontra esse TCC sem ter o nome dele? Misericórdia. Futuro filho, te agradeço também! E se eu não tiver... Ignorem este parágrafo.

RESUMO

Como uma enorme cortina é aberta para o início de um espetáculo teatral, este pequeno diário compartilha com o respeitável público as experiências de Carina, uma professora pedagoga que há 15 anos utiliza o teatro como ferramenta de auto sobrevivência dentro e fora da sala de aula. Este trabalho defende, metalinguisticamente, a prática teatral como uma potência comunicativa lúdica, atual e política, capaz de tornar visível quem, por vezes, é silenciado: o professor.

Palavras-chaves: metalinguagem – arte-educação – comicidade – teatro – oprimido - professor

“REALEASE”

As a huge curtain is opened for the beginning of a theatrical show, this small diary shares with the public the experiences of Carina, a pedagogue and teacher who for 15 years has used theater as a tool for self-survival inside and outside the classroom. This work defends, metalinguistically, theatrical practice as a powerful, playful, current and political communicative tool capable of making visible, at times, silenced: the teacher.

Keywords: metalanguage - art education - humor - theater - oppressed - teacher

SPOILLERS

PRÓLOGO	9
1. Ato 1	15
2. Ato 2	21
3. Ato 3	29
DESMONTAGEM CÊNICA	42
À PARTE	47
EQUIPE TÉCNICA	87

PRÓLOGO

“Respeito muito
minhas lágrimas,
mas muito mais
minha risada...”

(Caetano Veloso)

Ao sinal da terceira campanha, o canhão seguidor acende, rapidamente, iluminando o centro do palco com a atriz.

Era uma vez ...eu. Mas a “eu” do ano de 2017. Falar sobre ela que sou tão eu, mas que ao mesmo tempo não sou mais “eu” é complexo para mim... Com o passar do tempo, e a experiência da maternidade, sinto que ser aquela não me serve mais. Hoje eu sou mais que aquela antiga eu, pois tenho mais perguntas, mais experiências e menos certezas. Eu sou outra e não aquela, porque também sou bem menos que já fui. Menos insegura, menos agradável e mais autêntica. Ora, se à noite de todos os dias eu já mudei, pois aprendi novas coisas, imagine 365 noites vezes três anos? Mudei. Que bom! Eu acho...

Passeando pelos anos de minha vida, compreendo melhor quem fui, quem sou e quem ainda quero ser. Sei que sem essa eu de antes - essa que um dia fui, sabe? – eu não teria chegado a essa “eu” que sou hoje. Optei por dividir-me em várias, para me distanciar de mim e me aproximar do meu objeto de estudo: as minhas experiências pedagógicas, focando principalmente naquelas que flertavam com o teatro des-ca-ra-da-men-te, com várias testemunhas oculares, inclusive.

~~O problema de relacionar~~ Um dos grandes possíveis problemas de relacionar tantas ‘eus’ no mesmo ‘papel’ para uma **banca** aprovar é que uma hora vocês encontrarão uma Carina mais acadêmica, outra hora uma mais professora de criança, tão logo outra, aspirante a apresentadora de programa de humor rascunhando seu stand up comedy, e por último, e menos importante, uma artista-frustrada trancada em casa em meio a uma pandemia mundial, doida para estar na próxima série da Netflix – nem que seja para segurar um refletor. Todas essas Carinas têm o seu valor, sua relevância e influenciam, direta ou indiretamente, como eu lido com as questões que me cercam. Minha vida pode, a partir de agora, ser considerada um livro totalmente aberto. Literalmente. E

ainda vão colocar nota sobre este livro que é a minha vida. Que loucura... Se me derem MI, já sabem, né? Vou voltar pra barriga da minha mãe!

Em 2020, essa Carina que vos fala compreende certas escolhas que a Carina de 2017 fez de uma maneira diferente do que, possivelmente, a Carina de 2017 poderia enxergar na época. Afinal quem está inserido num processo nem sempre consegue enxergá-lo em sua totalidade, principalmente se não houver a possibilidade, a vontade de autoavaliação. Portanto, esse trabalho de conclusão de curso possibilitará que a Carina de hoje, de 2020, conte suas experiências como professora, sendo também a sua própria narradora - mais uma função, produção! - Mas uma narradora que traz detalhes que podem fazer com que os leitores enxerguem a complexidade de ser uma professora, que antes de ser qualquer coisa ela apenas é. É mulher. É esposa. É filha. É mãe. É professora. É artista – mesmo que sem estar no palco. Quem eu sou, como eu sou diz muito sobre como eu trabalho. Esses e outros detalhes podem enriquecer a narrativa desse trabalho.

Mas veja bem, não quero dizer que levo para sala de aula quem eu sou fora dela. Levo para a sala de aula aquilo que eu escolho levar, de acordo com o meu cargo e a instituição que represento. O que quero dizer é que eu não sou um robô! Meu corpo carrega toda a minha história. Quando sou professora, exerço minha função com profissionalismo. Mas quando as cortinas da sala de aula se fecham, eu tenho que lidar com tudo que falei, mas o que eu calei também. Quem escuta o professor no fim da aula? Quem escuta o professor no fim do dia? Leio nos jornais que a classe docente é uma das mais adoecidas e, na minha opinião, é porque calamos muito mais do que gostaríamos...

Silêncio.

E aí? Depois desse drama, posso ficar com o papel? O papel de narradora observadora, e meio que o papel de objeto do meu estudo? Passei pelo menos neste Casting? Ou vou ter que mandar uma selfie tape para você se decidir? QUÊ?! Ganhei o papel de ser **eu** no **meu** trabalho? FINALMENTE! Achava que ia perder mais um job para a Tainá Baldez!

Para a gente, eu e você, não enlouquecermos para nos localizarmos no espaçotemporalidade vou usar a terceira pessoa para as “outras Carinas” e a primeira pessoa como a narradora, como eu agora, como a Carina de 2020. Primeira pessoa é o “eu” de agora, e a terceira é o “ela”, a Carina de algum ano passado. Desculpe-me, eu sei que você sabe os pronomes pessoais do caso reto, mas é que fazer esse trabalho com um formato diferente é desafiador, precisa ser bem acordado com vocês! E é justamente por ser desafiador que me

faz conseguir fazê-lo! Talvez eu não conseguiria me envolver se fosse de outra forma, não por falta de capacidade acadêmica, mas por falta de arte. Minhas taxas de palco estão baixíssimas, este diário são as minhas doses de reposição artística necessárias para manter minha vida colorida - sim, além de intensa, eu sou bem brega.

Falando em breguice, não gosto do nome “Capítulo”. Me lembra novela. Não é que eu não goste de novela. Mas é que eu sou do teatro, sabe? Estou escrevendo sobre teatro, então a palavra ato me parece melhor, pois me remete a peças teatrais “das antigas”. Me lembram aquelas belíssimas construções para apresentações teatrais de antigamente. Outra coisa que me lembra a palavra ato é que, certa vez, vi um cartaz, que vi na FE escrito “Ato 15:00” e eu fiquei pensando que diabos aquilo significava. No fim das contas, era uma mobilização de greve dos servidores. Não quero fazer cena pra vocês, mas é que eu acho a palavra “ato” sonora, teatral. “Funciona”, sabe? Ato me lembra protesto! O que tem tudo a ver com minhas graduações, porque na época da pedagogia ocuparam a reitoria e na época das Cênicas ocuparam a FUNARTE! Respirei esses atos de protesto pelos corredores da universidade enquanto estudava.

Falando em o que funciona e o que não funciona... Difícil escrever na atualidade e não imaginar que a cada “enter” eu enviei uma mensagem instantânea a um destinatário. ~~Escrever, quer dizer,~~ Digitar já faz parte do meu corpo de tal maneira, que eu nem preciso olhar mais para o teclado do celular - e tudo isso com uma mão! Com isso, ~~acabei~~ me acostumando a tentar colocar na escrita o meu jeito de falar. Sabe? Dessa maneira será também a dramaturgia de minha peça! Com riscos sobre os rascunhos da escrita, com grifos, com Caps Lock, pois - apesar de meus grisalhos cabelos - estou no auge dos meus 33 anos. “~~Sou jovem pra ser velha e velha pra ser jovem~~” Muito jovial!!! Cresci na era do MSN, enterrei Orkut e Fotolog! Vi o Facebook e Twitter nascerem e o Instagram ainda “era tudo mato” quando entrei.

- Onde você quer chegar com isso, “Miss geração Y”? - você pode estar pensando.

Bom, eu cresci numa linguagem coloquial, informal, carregada de imagens que agregam valor às minhas escritas. Como escrever meu diário sem ~~meu eu lírico~~ minha identidade na escrita? Ora, mais que uma função estética de destaque, eu quero revelar o invisível!

- Hmmmm, fala aí, Stanislavski!

Mas é sério: o que não é dito tem tanta importância quanto o que não é dito. O que é escrito tem tanta importância quanto o que foi rascunhado, apagado, corrigido, editado, modificado e melhorado. Nossas tentativas na escrita são esquecidas, pois não são as que ficam no papel. Mas graças a elas é possível compreender o sentido real daquilo que está sendo dito. Como diria a minha primeira professora de teatro “O erro é bem-vindo, o que importa é o que você fará com ele”. Diferente de quando falamos algo inadequado, e jamais é esquecido - principalmente se virar “Meme na Internet”.

Ah, sim. E nada de quarta parede, tá? “Sem plateia não há teatro”! Sem conversa não existe Carina, nem a de ontem, nem a de hoje e nem a de amanhã. Tudo menos o silêncio! Se não me imagino conversando com um receptor, temo não ter um propósito para escrever. O objetivo desse diário é compartilhar minhas vivências profissionais, vitórias, fracassos e - por que não? – as “vozes internas” que me auto censuram? Ora, “de perto, ninguém é normal”, já diria meu anjo da guarda. Pela total necessidade artístico-afetiva de tornar esse trabalho algo que nos envolva, eu na escrita e você na leitura, em meio a dias tão vazios de criação artística, abraço ou aglomeração; vos convido a conhecerem minhas experiências de maneira tão íntima, que visitem também as minhas memórias. Não só o que acontecia no meu trabalho pode trazer contribuições, como também as experiências de cunho pessoal podem ilustrar como pode ser a vida de alguém que almeja uma carreira artístico-pedagógica. Devemos falar sobre sentimentos e emoções, conversar sobre isso, teorizar, relativizar... e – por que não? – escrever. Acadêmicos, com sua licença: sou das artes, sou da educação e meu “ascendente é peixes”! Preciso falar sobre o meu sentir. Juro que coloco algumas regras da ABNT. Temos um trato? Ok. Vou entender essas sobrelhas arqueadas como um sim.

Almejo, também, transformar esse trabalho em um monólogo teatral, no qual acumularei mais funções do que proponente em um “projeto escrito para edital público”. Afinal, quem mais vai me dar a oportunidade de encenar algo como protagonista no palco ao som de Beyoncé?

- Será que vai dar público? - meu lado produtora pergunta.
- Será um sucesso! - minha diretora interior urra.

- Quanto vai dar o ECAD? - a produtora já jogando um balde de água na ideia com a música da *Beyoncé*.

Mas falando sério, será que educação interessa a alguém? Será que a vida de uma professora interessa? Alguém procuraria meu trabalho para ler? Para assistir? Porque eu queria lotar a Villa Lobos! Mas imagino lotando só algum teatro de bolso da W3 norte, sabe? E só com parente que, na maioria, ganhou cortesia. Mas ó... Sonhando aqui com você: já imagino ter de cenário um quadro e, de objeto cênico, um giz. Figurino? Jalecão! Com bolso. Ou um daqueles conjuntos de uniforme feitos para seres assexuados que as professoras de escola de educação infantil usam. Já viram? Parece alguém que vai participar do "programa da Xuxa dos anos 90": "Quem colocar mais bexigas dentro da roupa ganha!" Moda larga ponto com, para não marcar nenhuma parte do corpinho curvilíneo das professoras brasileiras. Maquiagem? Olheira roxa. Daquelas que todo mundo sabe que virou à noite fazendo relatório. Nada de alongamento de cílios e unhas, por favor! Já me basta na sala dos professores. O release é um boletim, daqueles que passaram direto no segundo bimestre. Os aplausos? Minha merenda. O "chápeu passando" é como o "bilhete na agenda": lembrando o que no final das contas o que vai importar.

Eu queria que meu trabalho fosse para todos, porque, pela lógica, a educação deveria ser do interesse de todos! Daquelles que passaram, daqueles que vão passar, daqueles que serão responsáveis por novos estudantes, mesmo que aos finais de semana. Que me desculpem os aspirantes a professores, não escrevo isso daqui pensando ~~em vocês~~. **só** em vocês. No quanto posso ajudar a exemplificar planejamentos de aulas para quem ainda não pisou em uma sala de aula. Escrevo, não só para contar que temos dias incríveis, mas também outros bem difíceis. Escrevo pensando em tornar o dia de colegas de profissão menos **solitários**. Escrevo sonhando para que o teatro seja visto como algo importante na formação dos estudantes. Escrevo para que bacharéis das artes reverenciem a licenciatura das artes, enxergando os professores como formadores de plateia. Escrevo para **denunciar** que a LDB, foi atualizada por leis complementares, como a Lei nº 13.278 de 2016, referente às artes, que tem até ano que vem para sua total implementação e até agora eu não ouvi nadinha a respeito onde eu trabalho.

- Denunciar? *Hello-ou!* Mas poucas pessoas vão ler seu trabalho de TCC, querida. - me dou conta que eu **ainda** não estou na Vila Lobos.

- Protesto!

- Qual a causa?

- Protesto por não ser relevante o suficiente para denunciar algo!

- Mantido! Você é professora de escola particular, branca. cis, hétera e cristã. Há realidades muito mais preocupantes do que a sua, fofa.

Sendo assim, então o objetivo do meu trabalho é **defender** o ensino das artes, mostrando o quanto a arte pode tornar qualquer processo educacional mais lúdico - inclusive este próprio TCC -, por isso deve estar presente no currículo de todas as escolas!

- Se você não é relevante o suficiente para denunciar algo, por que seria relevante para defender algo?

- Protesto!

- Qual a causa?

- Protesto minha irrelevância! Sou estudante desde os meus 4 anos de idade. Sou professora há 15 anos. Sou licenciada em pedagogia e quase licenciada em artes cênicas. Sou mãe de uma criança que em breve estudará. Estudo, pesquiso e trabalho com teatro desde 2009.

No mínimo, eu tenho notório saber, poxa! Leia ~~minha obra de arte~~, esse trabalho para analisar se a educação, a arte ou se eu temos relevância!

Silêncio.

Parando pra pensar aqui ... ~~A-ABNT~~ exige é importante que eu “dialogue” com outras “vozes” mais renomadas também na área para ~~eu ter credibilidade~~ enriquecer as reflexões que minha vida, pessoal ou profissional, podem estimular, né? Assim, toda palavra ou expressão que estiver sublinhada, eu elaborei um “~~à parte~~” glossário, ao final ~~da peça teatral~~ desse trabalho, possibilitando assim uma conversa paralela com você, ~~da plateia~~ leitor. Como espero que seja do interesse de todos, resolvi explicar até palavras cotidianas do meio teatral e pedagógico, auxiliando quem não convive nesses universos, a entender melhor as reflexões que fomento. Eu também explico expressões que já ouvi, siglas e gírias, do tempo em que esse trabalho está sendo escrito, imaginando que estes escritos possam atravessar décadas! (Risos)

Vale ressaltar que esse não será um glossário comum. Primeiro porque eu não vou usar só fontes renomadas para me auxiliar nas definições. Ora, quem inventou a régua da relevância? Segundamente, ~~de acordo com meu orientador~~ um glossário normal explica as partes ~~à parte~~ “camufladas” de um ~~personagem~~ texto. Já o glossário deste trabalho foi baseado na lógica do jogo de teatro esporte, encenado por improvisadores, chamado “Jogo do dicionário”. Com esse glossário a pretensão de tornar esse trabalho acessível, revelando, inclusive, minha humilde opinião.

- Seria muito mais fácil você escrever um texto somente acadêmico, Carina. Às vezes a criatividade dificulta...

- O que é difícil pra você? Eu saúdo minha irreverência! Tenho dificuldade em não me divertir.

Revelo-me irreverente, irrelevante e irresponsavelmente criativa.

Silêncio. Blackout.

ATO 1

*“Não adianta olhar pro céu
Com muita fé e pouca luta.”
(Gabriel, O pensador)*

A Carina, em 2017, cursava seu quarto semestre de Licenciatura em Artes Cênicas na Universidade de Brasília, no campus Darcy Ribeiro do Plano Piloto, Asa Norte. Trabalhava em uma instituição de ensino regular particular do Distrito Federal localizada no Pistão Norte, em Taguatinga, lecionando como professora regente do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental 1, também conhecido como “série da alfabetização”. Morava longe dali, em Santa Maria, com sua mãe, avó, animais e noivo. Retornou, há pouco tempo, a trabalhar com C.L.T. assinada em uma escola. Voltou não porque de fato queria, mas porque ~~deveria. Ou melhor: porque~~ foi preciso. Carina, entre 2015 e 2016, tentou sobreviver apenas dos seus trabalhos com arte, mas mal conseguia seguir no curso, pois apesar de ser uma universidade pública federal, havia uma série de gastos a serem quitados, como: *xérox*, *internet*, alimentação, transporte, material de estudos, saúde etc. Ela ficava sempre na berlinda entre estudar, entrar em um novo projeto – a maioria independente e sem garantia de retorno financeiro – ou em voltar a trabalhar formalmente para desafogar as dívidas.

Em 2016, quando foi chamada para substituir uma professora no meio do 2º semestre, precisou trancar a faculdade e retornar à sala de aula como professora alfabetizadora. Chorou. Carina sentia-se privilegiada por ter um emprego, por conseguir cursar o que queria, em uma universidade pública, mas sentia-se presa... Como sair daquele “círculo vicioso” que era sua vida profissional? Trabalhar com o que não queria mais para sobreviver e poder estudar para a carreira que queria seguir, mas que não dava subsídios suficientes para o seu sustento? Quando se sentia sufocada por essas questões estruturais faltava-lhe o ar, o peito afundava, e logo se arrumava, colocava a sua melhor máscara e ia trabalhar como alfabetizadora. Longe de ser um trabalho ruim, afinal lidar com crianças trazia leveza aos seus dias... Contudo, o fardo de adiar mais uma vez a sua vontade - que já tinha se tornado até necessidade - estava cada vez mais pesado. Enfim, continuemos... o *show* não pode parar!

Certo dia, em 2017, a coordenadora pedagógica da escola que trabalhava, solicitou que cada professora apresentasse um projeto a ser desenvolvido com sua própria turma. Esse projeto deveria obedecer ao formato descrito no PROFA e, assim, precisaria de um produto final – produção escrita dos estudantes ao longo do ano letivo. O objetivo principal do projeto era alfabetizar na perspectiva do letramento, ou seja, ensinar o registro da língua materna a partir de contextos significativos, dando função social à leitura e escrita. Pela perspectiva sócio-histórica-cultural, o educando possui conhecimentos prévios, possui experiências que antecedem a sala de aula. Por isso, os conteúdos devem ser introduzidos a partir daquilo que já é sabido, para que se possa montar um plano de aula que propicie avanços, não subestimando ou ignorando o que já se tem.

Já assistiu uma aula em que você já sabe tudo o que está sendo dito, mas o educador conduz como se ninguém soubesse? Essa “educação bancária”, que o professor se acha a última batata Pringles do pote me irrita! Veja bem, não estou menosprezando a relevância dos “mestres”, estou apenas refletindo sobre a postura desses que se comportam como soberanos do saber. Será que o “mestre” não tem nada a aprender com os seus estudantes? Nem que seja ser um professor e não um mestre? Ser um professor melhor! Será que algum estudante não sabe algo sobre a temática da aula e pode ajudar dando exemplos, levantando sugestões ou questionamentos pertinentes? Talvez os outros estudantes fiquem mais interessados em um colega explicando algo do que com o próprio professor... Será que aquele conteúdo ensinado é interessante? Será que a ferramenta utilizada, o recurso utilizado durante a aula é o que propicia melhor aprendizagem? Como ele pode ficar interessante para os estudantes se interessem? Temos que ensinar tudo que já aprendemos? Tudo que já aprendemos ainda é importante? A forma como eu aprendi é a forma como estou ensinando? Ainda é pertinente ensinar desta maneira? Quem são meus estudantes? Onde eles moram? O que eles fazem? O que ouvem? O que assistem? Do que se alimentam?

“O tempo não pára” há tanto tempo! Emília Ferreiro e Ana Teberosky ressaltam que é de extrema relevância conhecer o estudante, saber o que ele já sabe, o que ele ainda não sabe para poder auxiliá-lo na construção dos saberes, levando em consideração que entre os estudantes também há variações de

saberes e entre os tipos de saberes. Um sabe mais de matemática, outro de língua portuguesa, outro sabe ilustrar como ninguém, outro comunica-se oralmente com facilidade. Se são múltiplas inteligências, o professor não deve ser um “raiz quadrada”, que só pensa em dividir a potência do estudante. Assim, nestes 15 anos de sala de aula, a Carina aprendeu, entre palestras, treinamentos, capacitações e, por último e mais importante: dando aula; que se os estudantes estiverem envolvidos no processo de aprendizagem desde o começo, entendendo a função social dos conteúdos e reconhecendo-se como agente atuante, eles acabam desenvolvendo um sentimento de pertencimento, tornando-se mais engajados na construção dos saberes.

Chega desse quase monólogo, isso tudo foi para dizer que Carina, antes de redigir o tal projeto solicitado por sua superior, optou por consultar o nível de interesse das crianças para com o tema que tinha em mente: o teatro - sim, amigos, a Carina não desistiu de estar próxima do teatro, mesmo quando a vida a jogava pra outros rumos. Nessa época, em 2017, Carina já havia retornado seus estudos na UnB, mas em dois turnos, matutino e noturno – embora com poucas matérias - porque tinha que conciliar com o trabalho. Acordava, às 5 da manhã para conseguir ser pontual na aula das 8hs, chegava na UnB e ficava descansando, por quase 1 hora, para a aula, enfim, começar. Engolia o almoço no chão do CACEN, fazia sua higiene pessoal com lenço umedecido, dava aula a tarde toda, lanchava enquanto dirigia de volta à UnB, assistia aula e voltava para casa. A vontade de viver de arte era tão grande que ela incluía, mais do que nunca, a arte no seu trabalho como alfabetizadora. Era um modo de ser o que queria no lugar onde precisava estar.

- Ah, mas por que preciso saber como era a vida da Carina?

Ora, querido leitor, Stanislavsky já dizia que a personagem possui ações internas, que motivam ou não ações externas. Se, por exemplo, Hamlet vai ou não matar sua mãe, nós, espectadores, queremos saber o que se passa em sua mente, para entender o que diabos está acontecendo na cena. Se um professor leva um tema para sala de aula, ele tem uma intencionalidade. Ele tem ações internas, ele tem motivações e – por que não? – ‘desmotivações’.

Se um personagem, talvez fictício, já pode ter inúmeras complexidades, imagine uma pessoa real? Se os estudantes são sujeitos sócio histórico-culturais, o professor também é. Nessa metalinguagem, que fala sobre a

relevância do contexto na aprendizagem e te contextualiza sobre a vida da professora Carina, tem por objetivo humanizar a figura do educador. Lembrar que ele também possui alegrias, anseios, dificuldades, necessidades e prioridades. Um professor feliz em fazer um projeto faz uma turma de estudantes feliz? Não deixe de acompanhar os próximos capítulos dessa imperdível “novela da vida real”!

- Hum... “Tá se achando” a última batata do pote de *Pringles*? – você pode ter pensado.

- Sem pimenta! – eu te respondo.

Bom, de acordo com as experiências no âmbito educacional, Carina aprendeu que, para se trabalhar com a pedagogia de projetos, nada melhor que usar uma história infantil como contexto e pretexto. Como sua temática levava a alfabetização a dialogar com o teatro, logo lembrou, imediatamente, de sua própria trajetória enquanto criança. Sem ao menos conseguir mandar em seus pensamentos, Carina voltou à infância, quando se conectou com o teatro pela primeira vez. Ela estudou na Escola Parque da 303/4 norte da 1ª série até a 8ª série do Ensino Fundamental (atualmente a nomenclatura seria do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental). Isso foi entre os anos de 1994 a 2001. Lá teve contato com modalidades esportivas variadas, artes plásticas, música, teatro e dança. Adivinhem só qual foi a que ela mais se identificou?

- Com o teatro? – você pode ter pensando.

- Com a música!

- Quê!?

- Eu era bem tímida e não fazia amizades com facilidade.

Certo dia os professores se reuniram na sala de música e avisaram que haveria um projeto interdisciplinar dos Saltimbancos.

- Saltim...o quê?

- O que é interdisciplinar?

- Saltimbancos!

- A minha tia também gosta de fazer intercâmbio...

- O que é isso, tio?

- São caras que assaltam o banco! – falou o Kiko, primo da Carina.

- HAHHAHA!!!

- SILÊNCIO, PESSOAL! SENÃO EU NÃO CONSIGO EXPLICAR! – suplicou o professor. – Pronto, agora eu vou tocar aqui uma música chamada “Bicharia”, e vou explicar quem são os Saltimbancos.

E naquele ano, 1996, como em todos os outros, a Carina mudou. Mas não foi uma mudança pequena, foi um marco: de menina-tímida-que-se-acha-feia para a menina-feia-mas-que-fez-a-gata-na-peça. O teatro fez a Carina ser protagonista pela primeira vez na vida. Ela não gostou do foco, pois até atuou de óculos escuros, sem encarar a plateia, quase ficando estrábica, embora a cabeça estivesse erguida. Ela gostou foi de si. De si no palco, de si fora de “si”... De “si” sendo outra, “si” sendo uma gata, “A” gata! De “si” sendo ouvida, “si” brilhando, de “si” feliz. Desde aquela experiência não houve um dia sequer em que ela não pensou em ser atriz.

- Você é intensa, né? – você pode estar pensando.

- “Sou de Áries.” – te respondo.

Após matar as saudades dos palcos em sua memória, a professora Carina, a de 2017, levou o livro “Os músicos de Bremen”, dos Irmãos Grimm, para a sala de aula. Ela contou a história na íntegra e abriu a roda de diálogo ao final, como de costume. Falar sobre a história e o que ela te fez sentir faz parte da rotina pedagógica em uma turma de alfabetização. A professora, naquele momento, tinha a curiosidade de saber se aquele universo de fábula interessava a maioria dos estudantes, como ela já suspeitava. Muitos estudantes compartilharam o interesse por animais, principalmente “gatinhos e cachorrinhos” porque “a minha mãe disse que eu vou ganhar um no meu aniversário, eu também, eu também, eu já tenho três e eu tenho quatro etc, etc, etc.” Até que algum estudante disse:

- Eu já ouvi uma história parecida com essa... Mas tinha gata e não gato!

- Eu também! – muitos disseram.

A professora explicou que aquela história que ela compartilhou hoje, é muito famosa! E que no Brasil adaptaram ela, fazendo um musical.

- Tia, o que é um musical?

- É um show, dã!

- Lara, você já foi ao teatro? – perguntei.

E ela balançou a cabeça dizendo que não. Prontamente outro aluno disse:

- “É aquilo que tem no *shopping*”, Lara!

E a turma toda começou a falar junto. Uns explicando o que era teatro de acordo com sua experiência individual. Outros falando que nunca tinham ido. Ou até...

- Eu vi um dia um teatrinho que tinha uma fada que jogava purpurina e eu fiquei com alergia e...

Quando todos começam a falar simultaneamente a professora dizia:

- “Pam-pã-ram-ram-pam”?

- PAM-PAM! – todos respondiam e silenciavam.

E no silêncio da turma expliquei que a partir daquele dia eles iam estudar o que era teatro com ajuda dos Saltimbancos.

- Saltim... quê? Que “diabéisso”?

- Isso já vai ficar para a nossa próxima aula!

Nada como deixar as crianças curiosas para despertar o interesse para com as próximas atividades de uma sequência pedagógica, né?

ATO 2

*“Muda
Que o medo
É um jeito de
Fazer censura!
(Gabriel, O pensador)*

Em casa, antes de começar a redigir o novo projeto, Carina procurou um projeto antigo, que havia escrito há 6 anos. Vou contextualizar: em 2011, outra Carina, antes da de 2017 e depois da de 1996 – obviamente – era uma professora formada em Pedagogia pela Universidade de Brasília (2º/2009), foi contratada por uma instituição de ensino regular particular do Distrito Federal, localizada no Pistão Norte, Taguatinga (sim, a mesma escola para a qual ela ~~voltou~~ precisou voltar a trabalhar em 2016). Essa Carina era jovem, destemida e cheia de vida! Naquele ano a coordenadora pedagógica Gal acreditou naquela Carina, a que na dinâmica coletiva para seleção de professoras fez uma cena de improviso. Explico! Enquanto t-o-d-a-s as demais professoras fizeram um cartaz para se apresentar/definir, com uma letra maravilhosa – dessas que parece que só uma impressora é capaz de fazer, sabe? – a tal Carina anotou seu número de telefone bem grande em um cartaz e aguardou sua vez de apresentar. Ela aguardou tanto pelas demais, que usaram mais de 15 minutos na confecção de seus cartazes que começou até a ficar com receio de ter compreendido de maneira equivocada o objetivo daquela dinâmica.

- Será que eu entendi errado? ‘Num’ era só para se apresentar? O que será que elas tanto escrevem? – pensava.

- Ok, queridas! Acabou o tempo!

Várias professoras demonstraram descontentamento, pois queriam mais tempo para elaborar o cartaz.

- Eu devo ter feito errado! – Carina pensava.

- Quem quer começar?

No ar pairava aquele silêncio que há em dinâmicas de apresentação onde a maioria reza para não ser a primeira.

- Eu vou! – e lá foi a Carina de 2011, com medo mesmo.

Sim, ela foi a primeira, com sua folhinha de papel. Tinha 22 anos. Todas as outras candidatas tinham pelo menos 10 anos a mais. Apresentou uma cena na qual era uma candidata a vaga de emprego e fez um bordão “Pra ficar legal, vote Cacau!” fazendo uma referência explícita ao horário político que estava sendo transmitido na época. A sala caiu abaixo de tanta risada – inclusive as avaliadoras, que futuramente seriam suas superiores diretas. Carina teve a certeza de que tinha conseguido a vaga mesmo antes de terminar a dinâmica. O objetivo daquela atividade era “se vender” de maneira criativa. Ela tinha sido a única que tinha feito uma cena teatral e arrancado um coro de risadas, enquanto a grande maioria elencou suas qualidades com a mais perfeita caligrafia, mas com uma tímida oratória.

- Você enfia teatro em tudo que você faz, hein? – você pode estar pensando.

- Sem pimenta!

Ainda em 2011, essa Carina também precisou idealizar um projeto pedagógico, com foco nos avanços na alfabetização na perspectiva do letramento. Na época, também levou a ideia da temática com Saltimbancos – percebiam que Carina está para Saltimbancos, assim como Manoel Carlos está para o nome Helena – para servir de contexto para o projeto. Mas levou a ideia prematura, sem ruminar as possibilidades, o que resultou em um processo mais pobre de possibilidades artísticas. As crianças apenas apresentaram uma adaptação dos Saltimbancos, que é diferente de construir uma apresentação, compreendendo os processos e profissionais envolvidos em uma apresentação.

Se em 2011 a Carina esperava orientações para desenvolver sua criatividade dentro das propostas estabelecidas pela chefia, em 2017, Carina queria levar suas ideias já bem detalhadas para ter o máximo de aprovação e o mínimo de adaptação. Por suas experiências anteriores, a Carina de 2017 sabia que levar algo bem elaborado cativa mais os superiores, sendo extremamente raro a necessidade de reformulação. É importante ressaltar que tal reflexão não possui a intencionalidade de menosprezar a criação coletiva ou o enriquecimento de ideias a partir de um coletivo. A Carina de 2017 já tinha uma mente estratégica, resultado da elaboração de mais de 6 projetos artísticos para o FAC, pensando muito no que a avaliadora do projeto gostaria de ver sim, mas também o que a Carina gostaria de oportunizar/proporcionar através do seu projeto. Ela

sabia que intercorrências poderiam acontecer ao longo do processo, ou até que o interesse das crianças levasse o projeto para um caminho diferente do inicial. Mas ela tinha a intenção de guiar esses caminhos para serem paralelos e não tangenciais, para que a linha de chegada estivesse, pelo menos, perto de onde ela havia planejado.

Em 2017, a Carina era outra. Todo dia ela muda. Percebeu que ela já era outra, muito diferente da Carina de 2011, e que nesses 6 anos ela poderia melhorar, e muito, na elaboração de projetos pedagógicos. Profissionalmente acumulou cursos, peças, elaborações de projetos para o FAC, experiências teatrais que transcendiam o palco, cursava Licenciatura de Artes Cênicas e tinha acumulado também mais conhecimentos e vivências dentro da própria Pedagogia. Pessoalmente viveu muito! Seu amadurecimento estava em processo contínuo e, cada dia mais, buscava sua evolução pessoal. Assim, ela almejava não apenas se realizar, ela queria que fosse também divertido para as crianças. Ela não queria brigar com as crianças, por questões de indisciplina durante os ensaios. Ela queria levar elementos do teatro para o conhecimento das crianças, mas de maneira que eles também ficassem interessados. Ela não queria impor sua vontade. Ela queria levar sua proposta e ir adaptando de acordo com o que aconteceria na prática. Ela queria que as crianças fossem protagonistas não só das produções escritas, mas também de todo o processo. Ela queria sentir que ainda era parte do teatro, mesmo em uma sala de aula como alfabetizadora. Ela queria ser diretora de um espetáculo teatral no qual ela teria que ensinar muito aos seus atores, até o que era teatro! Começou a redigir o projeto. Estava animadíssima! Sabe quando se trabalha sem sentir que está trabalhando? Quando parece não haver cansaço, pessoas, responsabilidades, fome ou bexiga cheia? Que você apenas produz, produz, produz sem sentir? Pois bem! Carina estava desse jeitinho.

- Aprovado! Eu amei! Sua cara esse projeto! As famílias vão amar! Só vai ter uma parte aqui que vamos ter que adaptar, tá? – disse sua coordenadora pedagógica.

Estava bom demais para ser verdade...

Gabaritar projetos dentro de uma escola, pela a experiência da Carina de 2017, não é fácil. Quer dizer, é fácil aprovar um projeto fácil. Difícil é aprovar um projeto ousado! Assim, Carina sempre tem que ajeitar alguma coisa. Explico. Se

você escrever apenas o que “querem” que você escreva, a probabilidade de aprovação é alta. Em compensação, a paixão por aquele projeto pode ser baixa – pelo menos para a Carina. Já se você ousar na escrita do projeto, a probabilidade de paixão à primeira vista é alta, assim como a possibilidade de se ouvir “Mude só isto daqui”.

Em 2017, Carina optou por 2 ideias bem “fora da caixa”, bem fora da realidade que uma escola particular tende a aprovar. Mas optou por arriscar intencionalmente, afinal “o não ela já tinha!”. O diferencial é já ter ideia sobre como pode ser substituído, para ser incluído e aprovado no ato. Desta vez o projeto tinha uma oficina de maquiagem, com maquiador convidado, para que as crianças vissem a qualidade de uma maquiagem artística profissional. Cada criança teria seu próprio kit de maquiagem para tentar fazer sua maquiagem, de acordo com o tutorial, ao vivo, do profissional. Além de valorizar a profissão dos maquiadores profissionais, possibilitar que as crianças desmistifiquem os itens de maquiagem como absolutamente feminino. Embora soubesse a importância dessa desmistificação, Carina não escreveu isso no projeto. Há temas que são tabus em uma rede de ensino privada e qualquer coisa que lembre identidade de gênero é uma delas.

Adivinhem o porquê dessa etapa não ter sido aprovada? Aliás, qual foi a justificativa dada a Carina, para que essa etapa não tenha sido aprovada da maneira que sugeriu?

- a. “Não disponibilizam verba para essas coisas.”
- b. “Vai ter pai reclamando do filho mexendo com maquiagem!”
- c. “Vamos ver lá na frente se vai dar certo.”
- d. “Não devemos solicitar esse ‘monte’ de material às famílias!”
- e. “Essa ação acontecendo só em uma turma gerará comparação com as demais e você criará um problema para a escola!”

A resposta? Todas as alternativas anteriores. Vendem uma escola moderna, mas atuam ainda com a lógica mercadológica. “Enfim, a hipocrisia.”

Ah! Quase me esqueci! Também barraram a ideia de fazer uma saída de campo com as crianças para o teatro. A Carina idealizou que eles vivenciassem a experiência teatral no próprio teatro. Os motivos dessa ideia ter sido barrada? “Vai chamar atenção demais pra sua turma.”

Cada um sabe “a dor e a delícia de ser quem é”... Já compartilhei alguns detalhes com vocês, mas não das minhas dores enquanto professora. Adoeço quando enxergo no espelho a educadora limitada que sou. Tão limitada que deixo de me considerar educadora, sabe? Explico. Acredito que “[...] a educação transforma pessoas e pessoas transformam o mundo”. Esta frase está, inclusive, à porta de entrada da minha casa. Acredito nisso como minha missão. Mas como posso transformar as pessoas se preciso me silenciar para questões que, na minha opinião, são fundamentais? Devo obediência a um CNPJ que atua com foco no financeiro. Minha função é executar atribuições para manter meu ganha pão. Não importa o quanto minha equipe seja boa, ou meus superiores diretos sejam pessoas incríveis, um dos principais focos do trabalho em escola particular será na matrícula e na fama que a escola terá no ‘boca-a-boca’ da região.

Me calo por fora, mas por dentro estou urrando de ódio. Não sei o motivo pelo qual todos os professores adoecem com frequência, mas o que me tira da rotina de amor que emana da alfabetização é não poder me comprometer totalmente com a relevância social que tem a minha profissão de professora. Como posso negligenciar a história, pessoal? É um componente necessário para podermos evoluir como nação, sabe? Ter esse ponto de vista me adocece, porque devo obediência e me falta paciência para esperar mudanças que considero urgentes!

Como pedagoga sou responsável pelos conteúdos de Língua Portuguesa (englobando produção de texto, caligrafia e gramática), Matemática (aritmética, geometria e álgebra), História, Geografia, Educação Financeira e Ciências. Os conteúdos não são tão complexos, a meu ver, afinal minha turminha geralmente tem entre 5 a 7 anos, no máximo. O que mais me demanda cuidados são os relacionamentos interpessoais: eu para com minhas colegas de trabalho, eu para com um estudante, do estudante para com os demais da sala, dos superiores para comigo, dos superiores com os estudantes, os responsáveis dos estudantes para comigo, com os superiores diretos e para com os próprios estudantes. Lecionar e alfabetizar pode ser um processo mais tranquilo se tivermos a parceria das famílias. Trabalhar em escola pode ser menos trabalhoso se você tiver uma equipe organizada, ética e parceira.

Há 15 anos em de sala de aula em instituições particulares e eu **nunca** pude falar sobre religiões de matrizes africanas, (apesar de ter até a lei nº 12.796

para que isso ocorra, desde 2013). Eu trabalho sobre o respeito às diferenças, que existem famílias com diferentes hábitos. Mas não aprofundamos! Dias difíceis para ser professora em escola particular, pois parece que falar o necessário é “tomar partido”, é ser militante de algum viés político. Quando alguma temática que causa polêmica surge, espontaneamente, a partir de alguma criança, sou orientada a sair do assunto o mais rápido possível, sem me posicionar ou promover o debate, informando o ocorrido aos superiores, para que caso algum familiar questione, eles saibam exatamente como contornar a situação.

Eu, nesses 15 anos, sempre trabalhando ou na Educação Infantil ou nos Anos Iniciais do Fundamental I, mal tenho colegas pretos dando aula, são raros os estudantes pretos. Nunca tive uma diretora preta, uma coordenadora preta. Já trabalhei com alguns profissionais que não eram heterossexuais, mas são poucas as instituições que contratam, principalmente quando é para lidar com a infância. Não temos homens pedagogos nas escolas privadas. Mal falamos sobre os indígenas, muitas vezes ainda há apropriação cultural, desinformação, desatualização sobre os assuntos. Mulher? No dia da mulher e das mães. Pretos? Um mural no mês de novembro. E o livro da menina bonita do laço de fita. Raríssimas exceções.

Um dia, em 2017, a Carina foi assistir uma contação de histórias, com sua turminha no auditório. Era um evento interno, para celebrar o início do projeto de leitura da escola e todos do fundamental 1 (atualmente nomeada de anos iniciais) estavam lá. Não contrataram nenhum artista profissional para tal atividade, foi uma das professoras da escola que apresentou. Ela contou “Menina bonita do laço de fita”. Ela segurava o microfone e lia as páginas, as crianças não conseguiam ver as imagens do livro, mesmo assim ela mostrava e se embolava entre o microfone com fio, sua indumentária e o livro. Eu apontaria mais a melhorar, em termos técnicos de teatro, mas vou focar no que me deixou “p da vida”. Ela estava com meia calça preta, blusa de manga preta e luvas pretas, para compor com um vestido branco de bolinhas vermelhas. Nos cabelos colocou uma peruca *Black Power* e PINTOU O ROSTO DE PRETO e a boca de vermelho. Sim, ela era loira e branca, mas fez uma blackface, de nega maluca, em 2017, para toda a escola. Ela dizia:

- Eu não sou linda? – com uma voz fina, sabe? Tentando passar veracidade para seu personagem infantil.

E as crianças, principalmente os meninos mais velhos, gritavam:

- NÃÃÃO!

...

Não dormi por alguns dias. Tomei coragem e mandei mensagem para as duas coordenadoras pedagógicas da instituição. Disse que tal prática é antiquada, racista, que ninguém reclamou porque não temos representantes pretos no corpo docente, enviei links de blogs que falavam sobre blackface, sobre representatividade, racismo etc. Disse que estava a disposição para levar mais contribuições sobre a temática, sugeri que na próxima chamássemos alguém preto para atuar como preto, sem alegorizar ou ridicularizar etc.

Resposta 1 – Cacau (meu apelido), você mandou isso pra Ludmila? Você não devia ter feito isso.

E mais nada. Nenhum debate acerca da temática ou do que realmente importava naquela situação.

Resposta 2, da Ludmila, minha chefe direta – Essa é a sua opinião. Espero que não use o meu e o seu tempo de descanso para compartilhá-la. Bom fim de semana.

...

Eu precisei me desculpar assim que vi minha superior, porque temi perder o meu emprego. Disse que só queria ajudar e me desculpei por mandar mensagens no sábado. Vou deixar que vocês tirem suas conclusões dessa experiência, porque eu sempre fico com vontade de voltar ao passado e dar uns tapas em mim.

Outro dia, ainda em 2017, em coordenação pedagógica, a coordenadora pediu para que guardássemos o livro “Livro da família” de Todd Parr do acervo da Ciranda do Livro, “pois algumas famílias disseram que não queriam que a temática do homossexualismo (sim, ela falou esse termo ultrapassado e pejorativo) fosse abordada como normalidade.” Todas as professoras falaram “tudo bem”. Eu quis morrer e fiquei... calada. Guardei o livro.

No carnaval desse ano, 2017, passaram as marchinhas “Maria Sapatão”, “O teu cabelo não nega mulata” e entre outras que prefiro esquecer. Organizaram as crianças em filas, para que dançassem no lugar, para “evitar

acidentes”. Quando deixei meus estudantes mais livres, pra correr ou fazer guerra de confetes, me chamaram a atenção. O que é pular Carnaval para aqueles gestores? Porque no meu planeta é fazer guerra de confete, dançar, correr e morrer de rir com os amigos. Fila é no 7 de setembro, posição de respeito frente à bandeira, mãozinha opcional no coração! Sinceramente...

Em outra escola que trabalhei chamaram uma auxiliar de classe na supervisão e deram uma “dica” de manter o cabelo alisado, que os pais estavam mais disponíveis para essa “postura profissional”.

Você sabia que treinam professoras a não conversar muito com os responsáveis do gênero masculino? Em treinamento dizem que as mulheres tendem a ser ciumentas. Mas nada falam do quanto somos assediadas...

Uma professora que trabalhava comigo ria de um estudante dela, por ele ser afeminado. Outra chamava a mãe de uma aluna de piranha, porque ela ia de batom e saía para buscar o filho. E as mães separadas, coitadas, volta e meia surge um comentário machista vindo de professoras.

Você sabia que o corpo docente não deve se posicionar politicamente nas redes sociais? Há escolas que chamam atenção até de professoras que postam foto com antigos funcionários ou de chá de casamento!

Se eu fosse listar os absurdos que já escutei, presenciei e precisei obedecer dentro de uma rede particular de ensino, eu usaria diversas páginas. Já ouvi e presenciei muita coisa maravilhosa? Com certeza! E essas são muito mais frequentes e anunciadas frequentemente. Contudo, conforme já mencionei, o que me cala na profissão me adocece. E o que me cala julgo tão mais relevante, sabe? As crianças no período de alfabetização estão formando sua personalidade. Como omitir reflexões importantes e deixá-las apenas sobre responsabilidade da educação familiar? Já tentamos assim por anos e não parece dar certo! “O novo já nasce velho!” Seguimos sendo um país racista, patriarcal, machista, homofóbico, transfóbico, elitista, capacitista, consumista, dogmático e extremamente irresponsável com as questões ambientais.

E assim, volto à sala de aula, com a minha melhor máscara de professora feliz e realizada, toda trabalhada no namastê. E sigo sendo uma revolucionária de sofá: calada no emprego para pagar as contas, mas desabafando loucamente na terapia. Enfim, a hipocrisia? Ou a maldita realidade.

ATO 3

*“Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças”
(Gonzaguinha)*

- Criançada, hoje vou contar a história dos Saltimbancos!
- AQUELES QUE ASSALTAM O BANCO? - juro que eles falaram isto!
- (risos) Não. Aqueles que resolvem mudar o seu destino trágico em busca de um sonho.

(silêncio)

- Mas hoje não vou usar um livro para contar essa história, vou usar um cd.

- O que é um *cd*?
- É aquilo que você põe no *dvd*, Alice!
- “Dãããã” nada a ver! *Cd* é um treco que põe no som do carro.
- No carro da minha mãe só tem pen-drive...
- Um dia a minha mãe me disse que se eu fizesse todo o dever sem demorar ela ia me dar o *dvd* da Barbie e...

- GENTE, A TIA QUER FALAR! – berrou um estudante, enquanto a Carina aguardava com o dedo levantado os turnos de fala atropelados.

- Pam-pã-ram–ram-pam?
- PAM-PAM!
- Vou colocar o *cd* para funcionar e vocês vão entender melhor o que vai acontecer observando...

A partir daquele dia, o projeto “Os Saltimbancos” foi iniciado em sala de aula. Desde aquele dia, a professora Carina entregou um punhado de folhas A4 – daquele bloco “reciclável”, sabe? – a todos os estudantes. Essas folhas foram dobradas ao meio e grampeadas, para ficarem em um formato de livreto, com aspecto mais artesanal. Ela estimulou as crianças a enumerar as páginas no canto inferior de cada folhinha. Desta forma, toda vez que precisavam escrever algo, a professora indicava o local pela numeração. Quando as crianças terminavam, eles guardavam em um plástico com os seus nomes e colocavam em seus escaninhos. Assim, desde o começo até o final do ano, cada criança foi estimulada a zelar pelo seu material, compreendendo que aquilo seria mostrado

ao final do ano, como produto do projeto, mas seria construído gradualmente, semana a semana, de acordo com as instruções da professora e etapas do projeto. A intenção daquele livreto ter aquele aspecto mais simples era deixar tudo com o jeitinho de criança, mostrando como cada estudante se organizava, desenhava, escrevia etc. A professora Carina, em qualquer fase profissional, acredita que não se deve “maquiar” os trabalhos infantis em prol da estética. Como educadora, opta por deixar que as famílias percebam a evolução, ou a falta dela, nas atividades feitas por seus estudantes. Ela, a professora, sempre orienta, dá dicas para melhorar a organização, mas tende a evitar modelos muito padronizados, na esperança de que surjam outras formas de apresentação a partir das crianças.

A primeira etapa do projeto consistia em conhecer a fábula musical a partir de seu áudio original, o *cd* mesmo. A cada dia um trecho da história era compartilhado e como tarefa de casa as crianças recebiam uma ficha de leitura, com a letra da canção abordada naquele mesmo dia na história. Dessa maneira, a turma foi estimulada a aprender as letras das canções, avançando na fluência da leitura e, conseqüentemente, a escrever melhor. A docente conseguia trabalhar rimas, ortografia, concomitantemente a trabalhar o que poderia também ser chamado de teatro e seus elementos.

Ainda nessa primeira etapa do projeto, além de conhecerem a história, as músicas e as personagens, as crianças foram desafiadas a usarem sua imaginação. Acostumadas a assistir filmes e/ou ouvir histórias em livros recheados de imagens, prestar atenção apenas no estímulo auditivo foi desafiador. Em um grupo de 19 crianças, entre 5 a 7 anos, conseguir imaginar uma história a partir de um aparelho sonoro, conseguindo compreender tudo o que estava acontecendo na história, foi uma experiência inédita para muitos. A docente os estimulava a entenderem as emoções das personagens pelo seu jeito de falar, cantar, gritar, sussurrar etc.

A parte da história mais desafiadora para o entendimento das crianças foi a música chamada “A batalha – instrumental”, pois fornece poucas falas e mais sons. A professora Carina, de 2017, estimulou todos a deitarem no chão para ouvirem a música novamente, para conseguirem focar melhor no que ouviam e despertarem a criatividade para preencher a música com ações, de acordo com a história e sua sequência. Tal atividade foi inspirada nas aulas de “A voz em

performance”, disciplina do curso de Licenciatura em Artes Cênicas da UnB, que Carina cursou em seu primeiro semestre, ainda em 2015. O interessante é perceber que, apesar do mesmo exercício ser proposto, os desafios são diferentes pelos sujeitos desafiados na atividade. Por exemplo: na faculdade falávamos de 40 adultos, já na sala da Carina eram 19 crianças. Se na faculdade sobravam ideias, com as crianças sobrou o medo.

- Medo de quê? – você pode se perguntar.

Ora, já imaginou você ter que imaginar o motivo pelo qual um dos barões da história achou que tinha “um diabo mordendo seus calcanhares”? A música não era tão inofensiva quanto parecia...

Acredito que a imaginação de uma criança pode ser mais assustadora do que uma imagem pronta em um livro. Na época do projeto, a Carina percebeu que não estava lá tão preparada para receber o medo de alguns durante a atividade. E no final ela ficou com medo de as crianças com medo chegarem em casa dizendo que a professora colocou medo nelas.

- Mas o que te assustou, filho? – um pai poderia perguntar à criança.

- O cachorro disse que era um diabo na história, papai!

Para amenizar o dia de “medo”, a professora finalizou a aula com brincadeiras bem divertidas por via das dúvidas. E sobreviveu ao episódio sem sequelas!

- Espera-se que as crianças também... – você pode pensar.

- Vamos mudar de assunto?

Uma das primeiras atividades cênicas abordadas ainda na primeira etapa foi também o manuseio de fantoches de luva das personagens principais dos saltimbancos: jumento, cachorro, galinha e gata. Cada criança vestia um personagem por vez e era estimulada a dar “Boa tarde!” para a turma. No primeiro dia, alguns mais tímidos, houve poucas variações. A partir do segundo dia, do segundo personagem, começaram a aparecer as variações no tom e na velocidade da fala, entre outros usos criativos da voz em performance.

Já na segunda etapa do projeto as crianças começaram a usar empanada e a conhecerem a persona do “Mateus”, ou como apresentado pela professora, o Mestre de Cerimônias. Foi iniciada uma etapa de formação de plateia na qual as crianças foram estimuladas a compreenderem: como um espectador deve se

portar perante apresentações? Como um apresentador deve agir? Como um bonequeiro deve fazer?

Era muito interessante perceber o quanto as crianças percebidas como “mais agitadas” ou “com pouco tempo de foco definido” eram as que tinham mais atenção e participação nesse tipo de atividade. A professora Carina, de 2017, notou que tudo que ela propunha, explicava, estabelecia como regra, era compreendido e acatado com facilidade nesses momentos de vivências teatrais. Havia aquela euforia, falas interrompidas e sobrepostas como em qualquer atividade que as crianças estão mais envolvidas, mas era de fácil percepção o interesse por continuar fazendo esse tipo de atividade e a mudança de engajamento quando voltavam a fazer atividades de transcrição no caderno ou livro. Carina conseguiu visualizar o que é do interesse e o que não é do interesse de seus estudantes, e o quanto sua atenção e dedicação são afetadas por isso.

- Tia, eu posso ir de novo? – todos quando acabavam a participação
- Tia, quando vai ter aula na empada de novo? – a maioria ao final da aula.
- É empanada, Gabriel! – outro já corrigia.
- Quer dizer que você é a fada que faz todo mundo querer participar? – você pode estar desconfiando.

Não é isso. Há crianças que não querem ir à empanada. Há crianças que querem, mas quando vão lá e travam: não falam nada sem ajuda. Há crianças que vão à empanada burocraticamente, só porque é atividade do momento e são responsáveis o bastante para não negar nada que a professora propõe. Em qualquer aula há quem tenha mais afinidade e interesse. Contudo, no ano de 2017 a professora Carina conseguiu perceber que à medida que os estudantes foram convivendo com o fazer teatral, eles foram se envolvendo e se soltando mais. Obviamente que havia um ou outro que ficava mais na sua, não era tão eufórico para participar e isso também precisava ser compreendido e respeitado. Mas a maioria, na maior parte das vezes, quase subia na parede de tanta alegria!

O que a professora Carina estimulava, ao máximo, nessas atividades teatrais era a participação, a criatividade na improvisação, aceitação do erro como parte do processo de aprendizagem etc. A experiência teatral trazia benefícios para a turma, não só no âmbito artístico, como também no social,

emocional – e por que não? – no cognitivo. Falo mais disso ao final, tá? Para você não achar que já estou na conclusão do trabalho.

Na terceira etapa do projeto, as crianças conheceram outros possíveis personagens da história: a jumenta, a cachorra, o galo e o gato. A flexibilização do gênero das personagens trouxe outra textura para a atividade de dar “Boa tarde!” para a turminha. Foi incrível perceber como vários estudantes conseguiram criar mais!

Na quarta etapa do projeto, foram convidados músicos, que também eram professores da escola, a serem entrevistados pelas crianças. O objetivo era que os estudantes entendessem que há profissionais ligados às artes e que isso também é uma profissão. As crianças cantaram algumas canções, acompanhadas pelos violões de seus professores de música.

Um dos professores performou a “Canção de uma gata” e foi bem interessante perceber a estranheza de algumas crianças somente por ver um homem cantando uma canção estrelada por uma personagem feminina.

- Mas essa música é de mulher!

E o professor disse:

- Só por que uma mulher canta quer dizer que eu não posso cantar?

E outra criança responder:

- Eu também gosto dessa música, tio!

E daquele dia em diante outros meninos não tinham mais tanta vergonha em assumir que a música da gata era maravilhosa! Não todos. Apesar de ter entre 5 a 7 anos, era perceptível olhares recriminando o consumo masculino de música cantada por uma mulher. Por que diabos crianças que se identificam com o gênero masculino entendem que quando é uma cantora eles não podem/devem apreciar e curtir? Tudo bem não gostar da música, esse não é o ponto. Só acho que a justificativa não deveria ser tão machista em crianças tão pequenas.

- Ah, então você trabalhou gênero de outra forma no projeto? – você me flagra.

- Shiuuuu! Fala baixo! Vai que minha chefe escuta e eu sou demitida!

- Mas você já foi demitida de lá! – eu mesma me lembro disso.

- Mas eu ainda devo trabalhar em alguma escola particular! – essa, possivelmente, é a voz da minha consciência.

- E daí? – essa é a minha voz interna, com “Sol em Áries”.
- E quem for meu chefe pode ler meu TCC e me chamar atenção porque algum pai de aluno pode ler também e ir reclamar na escola!
- Você está exagerando!
- PODEM RECLAMAR NAS REDES SOCIAIS! – meu ascendente em peixes.
- Carina, calma!
- E se compartilharem uma parte descontextualizada do meu TCC em grupo de WhatsApp dizendo que sou um perigo para as crianças e eu nunca mais conseguir um emprego?
- Quando o surto acabar você me avisa.
- Será que apago essa parte do trabalho?
- Querida, se for por medo de ser demitida apaga todo este trabalho. Aqui você assina sua sentença de demissão.
- ...
- Chega de guardar isso! Continua, vai!
- Amanhã.
- Acho que você está dando desculpas para não concluir o seu trabalho.
- Acho que você não imagina o que é estar em um emprego no qual você é super profissional, mas a qualquer momento pode ser demitida por ser quem e como você é.
- Por que você não sai do emprego então?
- Porque eu tenho uma filha e uma casa para sustentar.
- Apaga então.
- A partir de qual parte?
- Tudo.
- ...
- Vai apagar?
- Amanhã.

O outro professor de música entrevistado dedilhou “Minha canção” no violão. As crianças foram estimuladas a perceberem as notas musicais em cada verso. Foi lindo de se ver, ouvir e sentir. Impossível conter as lágrimas ao ver crianças, com características às vezes tão agressivas e competitivas, cantando como um coral.

Na quinta etapa do projeto, os estudantes conheceram o gênero textual “ficha técnica”, pesquisando e escrevendo coletivamente, com a professora como escriba, informações sobre as personagens principais da história.

Na sexta etapa, os estudantes estudaram sobre outros elementos teatrais e profissionais, como: cenário (cenógrafo, cenotécnico), maquiagem (maquiador), figurino (costureiro, figurinista) iluminação (iluminador) e som (operador de som).

A professora mostrou o uso de materiais alternativos para se fazer roupas e acessórios, assim como aprendeu na aula de encenação 2, com a professora Cynthia Carla, em seu 2º semestre da Licenciatura de Artes Cênicas na UnB.

Apesar da professora Carina ter almejado que as crianças brincassem de se maquiar e para que elas fizessem uma saída de campo, e as ideias não saírem do papel, mesmo assim foi possível que as crianças tivessem uma experiência semelhante como plateia de um espetáculo de qualidade dentro da própria escola. *OK* que não é a mesma coisa de ter a experiência em um teatro de verdade, né? Mas melhor do que não vivenciar de jeito algum. Havia um projeto, no contraturno, do professor de música do Ensino Médio que montou a adaptação do musical “O mágico de Oz”. Ele produziu e dirigiu uma super apresentação, na qual todos os estudantes da escola puderam assistir. Acho que não tinha só eu de artista sonhadora na escola... Aquele professor do Ensino Médio estava realmente fazendo com que a Arte fosse vivenciada, experimentada e apreciada. Como o auditório da escola precisou ser adaptado para ser um palco de teatro musical, a primeira fileira da plateia ficou a equipe técnica (afinal não tinha cabide de som e luz). Desta forma, os estudantes conseguiram ver, não só os atores, cenários, maquiagens e figurinos, como também o operador de som, o diretor, o operador de luz... Viva! A Carina de 2017 ficou bem feliz em poder oportunizar essa vivência durante o desenvolvimento de seu projeto. Ela ficava brava de não ter conseguido isso de outra forma, mas graças a iniciativa do professor do Ensino Médio e a abertura dada a ele, ela alcançou seu objetivo!

- Será que por conta desse projeto interno a escola não liberou a saída de campo? – você pode me questionar, porque acabei de pensar nisso.

- Duvido. Bom e se fosse, a coordenadora poderia ter avisado, né?

De volta à sala de aula após o espetáculo, as crianças conseguiram internalizar melhor os conceitos teatrais que havíamos estudado. Agora eles haviam assistido algo estruturado e preparado nos mínimos detalhes.

- Tia, no dia que a gente apresentar também vai ter aquele tanto de luz?
- Não, porque na nossa apresentação terá um telão!
- UAAAAAU!
- O telão não pode ter luz?
- Ele vai ser nossa própria luz e cenário.

Quando disse telão, era na verdade uma projeção de imagem estática na tentativa de ser um cenário. Longe de ser um video mapping, mas foi a forma que a professora Carina conseguiu pensar para resolver seu problema de falta de verba, tempo e mão-de-obra.

- Vai... Vai querer que as crianças aprendam o que é teatro e não ter como bancar depois um igual para elas! – eu rindo de mim.

Uma época do ano bem complicada para quem trabalha em instituição privada de ensino regular é a época de “Feira Cultural”. Complicada não pela complexidade, mas, talvez, pela falta de organização prévia do currículo abordado em tal ano. O inchaço de conteúdos e atividades estressa não só professores, mas os estudantes também. A Feira ocorreu em meados de agosto, mas suas atividades foram iniciadas em junho.

- Quando ainda ensaiavam para a Festa junina?! – quem é professor de criança pensou nisso que eu sei.

Carina sentia que havia muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo no currículo escolar e que nem sempre todas estavam interligadas. Gerava incômodo trabalhar conteúdos e projetos de maneiras bem estancadas, sabe?

O interessante do ano de 2017 é que a equipe que a Carina trabalhava era incrivelmente unida e acertaram uma temática para o 1º ano vespertino que ajudaria terem dias menos pesados com as crianças. A coordenação, embora tivesse diversos pontos a melhorar, era extremamente organizada e objetiva, deixando com que a Feira não virasse um excesso de produções desconexas como em outros tempos já aconteceu na vida profissional de Carina na mesma instituição.

Em 2017, Carina já compreendia que a transdisciplinaridade é a salvação escolar para currículos abarrotados. Quando foi definido que o tema geral da

feira seria “O planeta Terra”, logo a professora Carina sugeriu o subtema “Animais” para a equipe do primeiro ano vespertino. Sabiamente, modéstia parte, pediu para ficar com o recorte de “Animais domésticos” para a sua turma, para que as crianças compreendessem que os saltimbancos – tema do seu projeto individual – são animais domésticos. Assim, ela ainda estaria trabalhando seu projeto, mesmo que fazendo o projeto da Feira Cultural. Entendem?

- Mas e as outras professoras? Elas também pensaram nisso? Quais eram os temas dos projetos delas? – você pode estar pensando.

- Essa monografia está mostrando as ações sobre a minha perspectiva, né? – eu te lembro.

Imagino que o projeto da Feira Cultural pode ter pesado diferente para cada professora da equipe do primeiro vespertino, embora todas fossem excelentes profissionais. Todas demonstraram satisfação perante o subtema escolhido, mas analisando como foi a Carina, a professora “E” e a professora “A” conseguiram casar o projeto da feira com o projeto que sua turma já estava desenvolvendo. Já a professora a “C” e a professora “D” não conseguiram pensar nisso, ou pelo menos não parece...

Exemplificando: a professora “E” escolheu o recorte “animais de jardim”, pois tinha a ver com o seu projeto individual. Já a professora “C” escolheu o recorte “Animais em extinção”, mas seu projeto individual era sobre o “Circo”. Ninguém reclamou ou pareceu insatisfeito na época, mas analisando, atualmente, a professora “C” poderia ter escolhido o recorte que abordava a exploração dos animais pelo circo em tempos de outrora, para que não ficasse tão pesado os conteúdos para ela. Assim, sua escolha do recorte “animais em extinção” pode não ter sido a mais proveitosa, na minha visão.

Uma etapa interessante dessa feira foi o ensino “híbrido” proposto pela Carina. Explico. Havia um caderno para ser feito em casa, como tarefa, do mascote da turma. Por exemplo, na turma da Carina a votação foi para que o mascote fosse um gato. Então, aquele gato tinha um diário e visitaria a casa de cada estudante por um dia. A missão era cuidar do gato e responder a uma pergunta sobre aquele animal no caderninho, pesquisando com a família, para explicar na próxima aula. A professora preparava perguntas e elas eram sorteadas assim que eram sorteados os próximos cuidadores do gatinho batizado de “Miau”. Assim, as crianças conheciam mais sobre o animal,

vivenciavam o cuidado – mesmo que com um animal de mentirinha, compartilhavam um brinquedo e ainda eram protagonistas, brincando de ser professores sobre algum assunto relacionado sobre o animal estudado.

- Mas isso chama-se aula invertida e não ensino híbrido.

Então, a professora Carina fez um canal no Youtube e começou a subir vídeos mostrando seus animais de estimação e seus cuidados.

- Hummmmm... Youtuber? – você me zoa.

- Classroom influencer! – bato no peito!

Brincadeiras a parte, a professora Carina já tinha muita vontade de aliar as ferramentas tecnológicas e as redes sociais para as crianças aprenderem. O que impedia era a prerrogativa de “Todas as professoras precisam caminhar juntas para evitar comparações”. E longe de querer chamar atenção ou se sobressair, Carina queria apenas ser. Ser a professora que ela queria ser! Mas como se era de uma geração diferente, formação diferente e com pensamentos tão diferentes? Enquanto algumas professoras mal sabem gravar vídeo em 2020, imagine em 2017, que não era uma necessidade, como é hoje em dia em tempos de pandemia? Enfim...

O importante é que a feira cultural foi um sucesso, as crianças estavam felizes, os familiares parecem ter curtido, a equipe era super parceira, até exaustas as professoras estavam sorrindo.

Quando tudo acabou pensei que ia relaxar e conseguir concluir o ano mais tranquilamente. Porém, as surpresas começaram ali. Na noite após a apresentação da Feira Cultural descobri que estava grávida. Eu que dizia que não teria filhos, que morava com minha mãe, que ainda não tinha casado, que não tinha condições financeiras para sair de casa, no 4º semestre da faculdade de Artes querendo ser artista em tempo integral, mas precisando continuar a ser professora. Eu fiquei feliz demais! Minha vida tinha um novo propósito. Uma nova urgência. Um novo caminho! Eu nunca mais iria me sentir sozinha ou desencaixada... Agora eu ia ser mãe! Sem qualquer planejamento ou estrutura... Eu ia ser mãe! A partir desse dia tudo na minha vida foi diferente...

- Menos a paixão por *Pringles!*

- Sem pimenta – você completa.

Na reta final do projeto, a professora Carina, de 2017, encorajou as crianças a fazerem improvisações como os personagens da história. Era notório

que alguns estudantes não ficavam confortáveis com esse tipo de exercício. A professora estimulava todos a experimentarem todas as possíveis personas envolvidas no fazer teatral, como o operador de som, o iluminador, o ator, o mamulengueiro, o mestre de cerimônias... Quando percebia que alguém não estava muito à vontade logo trocava. Começou a deixar determinadas atividades como de participação espontânea. Infelizmente, faltava tempo hábil para desenvolver melhor técnicas de atuação, improvisação e presença cênica com as crianças. Mas foi até onde foi possível, como professora pedagoga amante das artes cênicas.

Com isso, para o início dos ensaios para a apresentação final, a professora realizou uma votação nas aulas de matemática para saber quais eram as músicas mais relevantes para a turma. A partir daquele momento decidiu, como professora e diretora do espetáculo de conclusão do projeto, que todos os estudantes dançariam e cantariam todas as músicas do pout pourri feito a partir da votação em sala. As crianças fariam uma espécie de playback: a música estaria tocando e elas cantando por cima, ao vivo, sem microfone. Escolhas que não me deixavam orgulhosa como artista, mas como professora me faziam os olhinhos brilharem... O máximo de refinamento técnico que consegui proporcionar sem qualquer apoio financeiro. Achei as soluções criativas e viáveis para o *show* acontecer. Viva!

Com a justificativa da sustentabilidade e estímulo à criatividade, a coordenação liberou para que a professora Carina estimulasse as famílias a criarem os figurinos do musical que abriria a tarde de autógrafos dos livretos feitos pelas crianças ao longo do ano sobre o projeto Saltimbancos. Cada criança escolheria como estaria vestida ou maquiada, mas que todos seriam todos os personagens, usando a técnica de coringamento. O estético poderia não ficar harmonioso como um espetáculo pode exigir, mas o significado de pertencimento estava assinado com tinta de ouro!

Então era assim: estava tocando a música do jumento? Todos que apresentariam ensaiavam sendo o jumento, mesmo se estivessem vestidos de gato, por exemplo. Eles aprenderam seu posicionamento inicial em cada música, sua matriz, sua máscara “teatral”, qual seria o seu deslocamento – se houvesse, claro! -, sua velocidade, o tempo, a repetição ... Um Viewpoints “só para baixinhos”, “sem dar nome aos bois”, claro! Eles diferenciavam as personagens

com seus corpos e não com seus figurinos. E olha... as crianças aprenderam direitinho! Super autônomos, independentes... Orgulho!

A professora Carina, de 2017, fazia os ensaios ao final da aula, sempre guardando todos os materiais, arrastando as mesas da sala, mudando a configuração habitual para dar entrada ao momento teatral do dia. Ela chamava convidados para assistirem aos ensaios, ora a orientadora, ora o professor de música, ora a “tia do corredor”. Tudo era divertido e animado. Evitava o preciosismo e repetições em demasia das mesmas partes. Intencionalmente, colocava algumas crianças em evidência durante as músicas, optando por deixar os mais tímidos em pequenos grupos de evidência e os mais desinibidos em pequenos solos. O destaque era rotativo, assim como o posicionamento variava de canção para canção, por exemplo: se alguém ficasse na frente na primeira música, na próxima ia mais pro meio, e na próxima mais à esquerda, e no final mais ao fundo, e assim por diante.

No dia da apresentação, Carina estava vestida de galinha. Na escolha optou pela personagem menos popular para compor todas as personagens, já que as meninas só queriam ser a gata. Sua meia-calça estava abaixo do quadril, pois sua barriga de 5 meses não permitia que fosse diferente, mas a saia do vestido cobria essa gambiarra. Maquiada, com adereços... Extremamente feliz e foi trabalhar. Mas sentia como se fosse estrear! Será que as crianças também estavam assim?

Seus estudantes foram chegando, um mais fofo que o outro. Como as famílias tinham caprichado... Estavam super caracterizados, um mais divertido que o outro. Mil gatas, 2 galinhas – uai, as meninas mudaram? - e um mundo de cachorros! Ah, sim, uns 2 jumentos simpáticos.

Antes de sair da sala? Oração do teatro. Mãozinhas dadas... Infelizmente a palavra “merda” foi censurada pela Carina de 2017, pois temia por seu emprego, como sempre. Na época, acreditou que a palavra “sorte” servia muito bem, obrigada! Hoje ecoaria um “merda” gigantesco dentro de sala. E colocaria a culpa nos cavalos que aguardavam na porta de entrada para o grande *show*!

Ao caminho da Coxia, um misto de nervoso com “VAMOS LOGO, TIA!” pairava entre as crianças. Até que uma disse:

- Tia, minha luva rasgou!

A criança usava daquelas luvas de lavar louça amarela para ser as patas da galinha. A professora disse:

- Fica tranquila, ainda dá para usar! Depois avisa para a sua mãe, ok?

Entramos no palco, depois de anunciados pela coordenadora. Adivinhem o que aconteceu? Exatamente! Do palco aquela mesma criança disse:

- Mamãe, minha luva rasgou!

Silêncio eterno de 2 segundos, todos fingiram que nada aconteceu e foi dado início ao roteiro de apresentação.

Foi impecável! Ninguém errou, esqueceu ou parecia estar sofrendo durante a apresentação – embora uma luva tenha voado entre uma música e outra.

Aplausos. Fotos. Vídeos.

- TIA, VEM CÁ PRA TIRAR FOTO COM A MINHA VÓ TAMBÉM!

- Ah é! Entregar os livros! – quase esqueci.

Ouso dizer que mal abriram ou folhearam a tal produção escrita que era o verdadeiro foco de tudo aquilo. Mas, com certeza, em casa repassaram com mais calma cada página.

Sucesso! Alegria. Acabou...

- Alguém pode me trazer um pouco de água? – Carina de 2017 se sentou e finalmente relaxou, a barriga pesou.

- Eu devia ter tirado a luva do pé da fulana antes dela entrar. - relaxou nada! Diretor só foca no que deu errado, né? Misericórdia!

DESMONTAGEM CÊNICA

*“Na mudança do presente
A gente molda o futuro!”
(Gabriel, O pensador)*

Aplausos. A luz fria da plateia acende. O público começa a sair. A produtora aparece e convida para a desmontagem cênica. Ficam poucos para participar, entre eles, a mãe, a irmã e o marido - a filha está correndo pelos corredores, fabulando que as luzes das escadas são vagalumes.

Mais do que objetivos a serem alcançados, ou habilidades a serem desenvolvidas, acredito que o poder da docência está no encantamento e no encorajamento dos estudantes.

- Você consegue!

Sinto a falta de ouvir isso sendo professora... às vezes sinto mais um:

- “Você **precisa** conseguir!” - possivelmente sendo entregue junto a um bombom, "amenizando" o meu fardo profissional.

O meu trabalho é ajudar os educandos a crescerem sendo gente. Daqueles que pedem licença no supermercado, que dão a seta ao trocar de faixa, que são livres o suficiente para seguirem seus sonhos com a certeza que o caminho é longo, mas é ele que importa. A felicidade está no ir e não no chegar. Que eles não fiquem nunca para trás... Para trás de si mesmos, escondidos em seus pensamentos, presos naquilo que esperam que eles sejam. Que cada um sirva às suas expectativas e não amarre os futuros seres a algum legado obrigatório. E que possam **ser**. Que tenhamos a consciência que nem todos podem dedicar-se ao que gostariam, o que poderiam, não por ausência de vontade.

Aprender a ler, a somar, a escrever todos conseguem - se oportunizarem vaga na escola para todos, claro. Agora como aprender a conviver em sociedade? Acredito que é esse o papel da escola, e a missão do educador. O modelo de sociedade vigente mostra que seguimos falhando ao formar pessoas para obedecerem - Foucault, por favor, reencarne agora e me traga sugestões, porque de críticas a educação já está cheia!

É um imenso prazer reviver “cenicamente” a Carina de 2017 - ou de qualquer outro ano. “Encenar” minhas práticas profissionais e poder expurgar todos os “nós” travados nesses quinze anos como educadora, é libertador! Ah, Boal... A oprimida que habita em mim saúda o oprimido que habita em todos nós!

Agradeço imensamente ~~a sua presença~~ a sua leitura. Agradeço o seu tempo junto com ~~esses devaneios~~ os pensamentos de uma mente tão ~~louca~~ inquieta. Fazer um trabalho autocentrado é bastante difícil para quem sente que esse nunca foi o seu lugar: o centro. E compartilhar pensamentos ~~tão íntimos~~ sinceros me faz bem ~~—eu acho~~. Após escrever algumas partes eu passo horas ~~chorando copiosamente~~ imaginando o que diabos podem pensar de mim, ou o que ~~desabafa~~ expor determinadas experiências e opiniões pode me causar ~~financeiramente~~ profissionalmente. Mas o silêncio nunca fez parte do meu “DNA”, e quando ele é “injetado” por motivos de “força maior”... eu adoço.

O teatro me salvou, me salva e me salvará. Não preciso ser a artista que sobe no palco. ~~Mentira, preciso sim. Vou, inclusive, montar este monólogo!~~ Sou a artista que “sobe” no quadro, performando diariamente, a personagem a que tudo importa e a tudo suporta. De grito de mãe, a meleca de aluno. “E o salário ó!”

Cá pra nós, quer um ser mais teatral que um professor? Um atleta afetivo que corrige milhões de cadernos e livros, enquanto dá aula, cola bilhete na agenda, lê o planejamento enquanto entrega o lanche do Gabriel que o Marcos pegou? Por favor, o prêmio SESC na minha mesa A-GO-RA! Nem Grotowski listaria tantas ações físicas!

Se “a melhor defesa é o ataque” o jogo que este trabalho “ataca”, junto a Freire, a Boal ~~e Wikipédia~~ e a tantos outros, é a opressão. A formalidade que silencia, elitiza, segrega e exclui. Defendemos a voz da autonomia, seja do estudante, do educador. Defendo o saber formal e também fazer ele ser mais legal. Quem nunca se cansou lendo uma tese que atire a primeira pedra. Que possamos mudar. Que possamos nos ampliar. Que possamos incluir. A todEs.

Quem melhor que o teatro para ensinar sobre o poder do coletivo? Quem melhor que o teatro para ensinar sobre aceitação? Quem melhor que o teatro para ensinar **auto** aceitação? Quem melhor que o teatro para ensinar a subversão? Quem melhor que o teatro para ensinar a escuta sensível? Quem

melhor que o teatro para ensinar empatia? A criatividade? A resiliência? A originalidade? O vazio? O invisível?

Espero que todo o amor que eu tenho pelos estudantes que passaram em minha vida e pelas artes, especialmente a teatral, inspire mais pessoas a se interessarem pela licenciatura de Artes. O profissional que parte para a licenciatura em Artes tem a missão do encantamento, do encorajamento também, mas com uma dose ainda mais forte de garra. De acreditar no impossível! De acreditar que um dia todos enxergarão as potências da educação artística. Ela serve para além do “ser artista”!

- O que uma professorinha pode dizer de tão importante? - dirão.

Quem decide o que verdadeiramente importa? Por que decidem? Como decidem? E por que devem continuar sendo os “donos da importância”?

Não poderia deixar de compartilhar com vocês que fui desligada da instituição que desenvolvi o projeto que relatei neste trabalho. Assim que acabou minha licença maternidade, pouco antes de voltar, meu marido pediu demissão, pois meu salário era maior na época e minha filhinha precisava de cuidados especiais - alergia severa alimentar. Eu voltei, desesperada porque ela precisava seguir amamentando - a licença materna em rede privada só dá 4 meses fora - mas ao mesmo tempo tinha que trabalhar. Fiquei sem emprego, meu marido sem emprego, minha filha sem plano de saúde, eu morava com a minha mãe. Acho que me mandaram embora, porque assim que engravidei fui afastada por “ansiedade e depressão”. Havia mães de estudantes que se lamentavam à porta, porque eu estava grávida. Minha coordenadora da época mandava eu usar jaleco, mesmo eu suando copiosamente por conta da gravidez. ~~Vou parar de falar senão vai vir uma lista de reclamações.~~ Eu chegava em casa e chorava muito. Muito! Porque estava grávida, estava enjoada, sem estrutura financeira alguma para aumentar uma família.... E, para completar, um diretor de teatro que eu admirava MUITO e SONHAVA em trabalhar junto nos palcos me disse:

- *Ain*, eu ia te chamar pra peça TAL, mas aí você ficou grávida...

Sabe o murro que tem em “quando as máquinas param” ? Parecia que eu tinha perdido meu bebê “teatro” pra sempre. ~~Bem legal ser mulher e ser grávida. Recomendo!~~

Silêncio.

Em contrapartida, no dia da minha demissão na escola, minha chefe da época segurou minha mão e disse:

- Mas Cacau, você já se formou em Artes?

Pouco tempo depois descobri que ela também estava saindo daquela empresa para outra. Será que ela ia me chamar pra dar aula de Artes na outra escola? Nunca saberei. Mas me acalentou saber que ela sabia do valor do meu trabalho. É que, muitas vezes, a figura do coordenador escolar pode parecer “malvada”. Eu sei que o “inimigo” é outro. É o capital. Eles estão ali apenas executando suas funções. É uma figura que também precisa ser humanizada, ouvida e compreendida. ~~Vai ser a minha segunda peça! BRINCADEIRA.~~

Quer outra notícia boa? Neste ano, de 2020, depois de 15 anos de docência à coordenadora Gal (voltei a trabalhar com ela - *thanks, God!*) liberou meu planejamento que trabalhava o mês da Consciência Negra na íntegra! Sem nenhuma correção. *Ok*, é pouco. Precisamos de mais ações antirracistas, no ano inteiro! Mas eu nunca tinha conseguido tal abertura, tal feito. Eu fiquei TÃO feliz. Minúsculas vitórias que dão esperanças de dias mais justos, sabe?

E para finalizar a historinha de 2017 com ~~chave de ouro de chocolate~~ DE PRINGLES a melhor notícia de todas: as mães dos estudantes que tinham sido da minha turma me acharam em redes sociais e me encheram de amor. Até hoje me acham, sabia? E de vários outros anos, não só de 2017.

“Meu filho fala que igual a você não teve!” - adolescente do 7º ano.

“Até hoje o Benjamin se lembra de quando encenou Aladdin com você!” - adolescente do 9º ano

“Minha filha diz que sente sua falta.”

“Olá, fui sua aluna no 1º ano na escola TAL. Lembra de mim? Eu nunca me esqueci de você”.

Eu seria uma ~~puta mentirosa~~ tola se dissesse que todo sofrimento que passo por ser professora vale à pena no final. Não vale. Mereço mais respeito. MAAAAAAS o afeto das crianças... Meu amor, não há Troféu Imprensa no mundo que se compare!

Não posso finalizar também sem avisar que para cada diretor ~~babaca~~ de teatro em Brasília que ~~berra de maneira animalesca ou te azara na frente do seu marido~~ te desrespeita, saiba que existe um Fernando Villar que te agradece e valoriza sua proatividade, não enxergando ameaça, e sim parceria. Existe uma

Izabela Brochado, que fala “Meu amor, você já é professora! Não se preocupe, amamente sua filha em casa, para ela não pegar friagem aqui, não tem nem trocador! Eu vou fazer um plano de aula para você ser aluna à distância”. Existem coordenadores como Soraia Maria Silva e Pedro Dultra Benevides, que entendem o que é hiperêmese gravídica e te ajudam a concluir seu curso. Existe a genial Ângela Barcelos que, além de ensinar muito sobre sala de aula, te olha no olho e diz “Não se cobre tanto!” Existe Sulian Vieira, uma diretora de competência e voz aveludada, que te fala elegantemente: “Cacau, tá meio *over*, hein?” ao invés de xingar a terceira geração da sua família. Existe Ana Flavia Garcia, minha “tirana” favorita, que só de falar o nome meu olho enche d’água de tão humana que é sua relação para com o trabalho artístico. E existe um barbudo ~~barrigudo~~ (HAHAHA) chamado César Lignelli que não desistiu de mim, mesmo eu merecendo fortemente, por vezes. Uma potência artística, pedagógica e humana que eu tive o prazer de ter como meu orientador.

- Professor, eu desisto. Eu não tenho tempo para fazer um TCC. Minha filha não dorme!

- Você vai fazer sim. Conversamos.

Respeitou o meu caos criativo, meu déficit de atenção voluntário, minha língua afiada e minha idiotice sem fim. Confiou e abraçou todas as minhas ideias mirabolantes de como ser eu no papel. ~~E será diretor de minha peça vai que eela.~~

Busquem profissionais que te tratem como gente. Em qualquer área. E professores que te ensinem a ser gente. E façam teatro. Sério. E não façam tantas piadas. Às vezes nem tem graça. E as pessoas se cansam ~~de ouvir~~ de ler.

- Meu Deus, achava que ela não ia perceber nunca!

Este trabalho procurou fomentar mais dúvidas do que apontar o que é o certo, ou qual é o caminho. Quanto mais perguntamos, mais aprendemos. E quando mais aprendemos... “Ninguém manda na gente”. E a liberdade, senhoras e senhores... É LIBERTADORA.

~~- MENTIRA! O CAMINHO É O TEATRO!~~ grita meu “Mércúrio em Peixes”. *Blackout. Vídeo mapping sobre o quadro branco com letra de [“Até quando você vai levando?” de Gabriel. O pensador.](#)*

À PARTE

*“Viver
E não ter
a vergonha de ser
feliz”
(Gonzaguinha)*

Palavras, siglas e/ou expressões sublinhadas no decorrer do texto.

A

“A batalha – instrumental” – 1. Canção do álbum infantil “Os Saltimbancos” com músicas compostas e arranjadas pelo compositor argentino Luis Enríquez Bacalov, e adaptadas para o português pelo músico brasileiro Chico Buarque. A interpretação dos animais foi feita por Miúcha (galinha), Nara Leão (gata) Magro (jumento) e Ruy (cachorro). (Wikipédia, 2020) A música inicia-se com uma “paisagem sonora” (sons de uma cena, de acordo com o meu professor Iain), com os animais falando muito pouco e a orquestra fazendo uma “música” para transmitir a sensação dos ex-donos ao adentrarem à Pousada do Bom Barão. 2. A autora deste TCC chegou à conclusão que é uma música incrível para as crianças perceberem outros tipos de trabalhos musicais menos comercializados.

“A dor e a delícia de ser quem é” – trecho da música composta por Caetano Veloso chamada “Dom de iludir” lançada em 1982 no álbum de Gal Costa chamado “Minha voz”. Nota: a autora deste TCC nem sabia da referência desse versinho, amplamente difundido em seu cotidiano

“[...] A educação transforma pessoas e pessoas transformam o mundo” – trecho do patrono da educação, Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia da autonomia”, seu último livro, lançado em 1996.

“A melhor defesa é o ataque” - 1. Frase contida no livro “A arte da guerra!”, escrita pelo general chinês Sun Tzu. 1. Frase mega famosa que autora deste TCC ju-ra-va que remetia somente ao futebol - se quiser eu mintó.

ABNT – s.f. sigla que significa Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, acessado em 2020). Aquilo que mantém viva a linguagem acadêmica.

Aquilo que a autora deste TCC precisa seguir para ser considerada acadêmica e não uma escritora ironicamente coloquial, que opta por escrever piadas na esperança de entreter, informar e levar à reflexão.

Abraço – *s.m.* 1. Amplexo. 2. Demonstração de afeto. (GOOGLE, 2020) 3. Aquilo que o coronavírus também privou a população consciente dos riscos quanto à quebra do distanciamento social.

Aglomerção – *s.f.* 1. Ato ou efeito de juntar(-se), misturar(-se). 2. Multidão. (GOOGLE, 2020). 3. Aquilo que no ano de 2020 foi dito para se evitar por conta da pandemia, de escala mundial, da COVID-19. 4. Aquilo que as pessoas darão mais valor pós-2020.

Alladin - *s.m.* 1. Conto árabe tão famoso quanto o Saci Pererê é para o Brasil. 2. Clássico *Disney* da infância da autora deste TCC - perceba que tudo que ela viveu na infância ela põe os estudantes para encenarem. 3. Exemplo de apropriação cultural negativa. Ainda bem que a *Disney* “se tocou” e colocou na sua plataforma de *streaming* um pedido de desculpas, além de refazer o clássico, em formato *live action*, de maneira mais respeitosa à cultura/etnia que pertence.

Apropriação cultural – no contexto que a autora deste TCC traz, é a apropriação cultural negativa, feita por uma etnia julgada como “mais aceita socialmente” (Ex.: brancos), em detrimento à dona da própria cultura apropriada (Ex.: negros, indígenas, asiáticos etc). Se pegarmos alguma propaganda com uma mulher branca, cis e magra com cabelo *dreadlock* (penteado na forma de mechas emaranhadas) será tida como *cool*, *fashion* e progressista. Já se o mesmo for feito com uma mulher negra, cis e magra as críticas tendem, infelizmente, a não serem tão positivas. O problema não está em utilizar elementos de outra cultura, o problema está em não valorizar, reconhecer e dar crédito aos verdadeiros donos de tais elementos culturais, que por vezes, também são símbolos de resistência. Obs.: a autora deste TCC ressalta que não é seu lugar de fala, uma vez que é branca, e indica **a todos** que busquem mais informações sobre o assunto em outras fontes que possuam representantes étnicos-raciais que sofrem diariamente com essa apropriação negativa.

“Ascendente é peixes” – A expressão vem da astrologia. O ascendente é o astro do zodíaco que se eleva no horizonte oriental no momento exato do nascimento de alguém. (GOOGLE, 2020). Já o signo de peixes é uma das 12 partes em que se divide o Zodíaco. (idem) De acordo com a leitura do mapa astral da autora deste TCC, é o que faz ela ser extremamente sentimental em suas relações.

Atleta afetivo - 1 Como diria Artaud (2006)

O ator é como um verdadeiro atleta físico, mas com a ressalva surpreendente de que ao organismo do atleta corresponde um organismo afetivo análogo, e que é paralelo ao outro, que é como o duplo do outro, embora não aja no mesmo plano. O ator é um atleta do coração. (p.151)

Ato – s.m. “1. Exercício da faculdade de agir ou o seu resultado; aquilo que se faz ou se pode fazer. 2. Ocasão em que é feita alguma coisa.” (GOOGLE, 2020). “Do teatro, divisão externa da peça em partes de importância sensivelmente igual em função do tempo e do desenrolar da ação.” (PAVIS, 2011 p.28). 3. De acordo com o contexto da autora deste TCC, ocasião em que se luta por algo.

B

Barbie – s.f. 1. Boneca *fashionista* usada como brinquedo infantil criada pela *Mattel* em 1959, por uma empreendedora feminista chamada *Ruth Handler*, com o objetivo de mostrar a sua filha e outras crianças que ela poderia ser quem ela quisesse. Em 1968 a marca lançou a coleção *Diversidade*, com modelos hispânicos e africanos. Em 2016, lançaram a linha *Fashionista*, com vários tipos de corpos, provocando uma reflexão sobre padrões de beleza. Em 2019, já é possível encontrar a *Barbie Frida Kahlo!* Atualmente, *Barbie* já tem muitos seguidores em redes sociais e segue influenciando pessoas de várias gerações (FUZARO, 2019). 2. A autora deste TCC reconhece o esforço da marca em quebrar padrões e estereótipos, contudo, nas prateleiras das lojas ainda é predominante as opções de bonecas magras, ricas, brancas dos olhos claros, levando várias crianças a reconhecerem esse padrão como o natural da beleza. Isso é perpetuado no imaginário, quando você pesquisa na *Internet* e vê que as pessoas ligam o nome “*Barbie*” a uma “pessoa bonita, rica e sensual”. A força da boneca *Barbie* é muito poderosa, assim como as produções da *Disney*, pois

graças ao mundo globalizado que temos, ela influencia diversas culturas diferentes. Então, “com grandes poderes, grandes responsabilidades”, certo? Dona *Barbie* ainda precisa ajudar e MUITO o mundo a reconhecer outros tipos de beleza e cultura.

Beyoncé – *s.f.* 1. Artista preta norte-americana de enorme talento, trabalho e fama. 2. Alguém que a autora deste TCC admira desde a infância.

“Bicharia” – 1. Canção do álbum infantil “Os Saltimbancos” com músicas compostas e arranjadas pelo compositor argentino Luis Enríquez Bacalov, e adaptadas para o português pelo músico brasileiro Chico Buarque. A interpretação dos animais foi feita por Miúcha (galinha), Nara Leão (gata) Magro (jumento) e Ruy (cachorro). (WIKIPÉDIA, 2020) 2. A canção mais marcante da obra dos Saltimbancos. Quem não conhece o refrão: “Au-au-au, hi-ho hi-ho, miau-miau-miau, cocorocó! O animal é tão bacana, mas também não é nenhum banana”. Nota: Se alguém não conhece, por favor, conheça. Sua infância está incompleta!

“Bilhete na agenda” – Ação diária feita pelas professoras da Educação Infantil e Ensino Fundamental nos Anos Iniciais, a fim de criar um canal de comunicação com os responsáveis diretos pelos estudantes.

Blackface –

Uma prática racista originária nos Estados Unidos, por volta de 1830, por homens brancos que se pintavam de preto para ridicularizar pessoas negras, apresentando-se para grupos formados por aristocratas brancos, ganhando espaço nos cinemas e televisão posteriormente. (PINTO, 2017 p.157)

Blackout – *s.m.* Quando todas as luzes do teatro são apagadas, causando uma escuridão sem fim.

Boal - *s.m.* 1. De acordo com Proença (2017) Augusto Boal é um

teatrologo, escritor, ator e diretor, que viveu entre 1931 e 2009, foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 2008 pelo seu trabalho com o Teatro do Oprimido, forma democrática de ação teatral e social que questiona e envolve o espectador quanto às situações vividas e provoca reflexões por aqueles que são oprimidos em relação aos seus opressores. (p. 2)

2. De acordo com a autora deste TCC inspiração de vida, assim como o camarada Freire.

Bonequeiro – *s.m.* 1. Daquele que confecciona bonecos para o teatro de formas animadas, como: teatro de fantoches, marionetes, mamulengo etc.

C

Cacau - *s.m.* 1. Matéria prima responsável pela maior invenção da humanidade: o chocolate! 2. Apelido da autora deste TCC. 3. Nome artístico da autora deste TCC. 4. *Alter ego* da autora deste TCC. 5. Máscara social (BOAL, 2005) da autora deste TCC. 6. A senha que desbloqueia meu celular.

CACEN/UnB – *s.m.* 1. sigla Centro Acadêmico de Artes Cênicas da Universidade de Brasília. Espaço comum no qual os estudantes descansam, almoçam ou estudam situado embaixo das escadas do prédio “Oficinas Especiais” de Artes Cênicas na UnB . 2. No sentido mais amplo, comissão de estudantes eleitos para representar os estudantes de Artes Cênicas na UnB. 3. No semestre que a autora deste TCC estudou, a galera que organizava as festas, as manifestações contra o governo vigente (bem na época que retiraram a Dilma da presidência e colocaram o Temer), além de lutar pelos direitos e necessidades dos estudantes nas reuniões semanais do colegiado com os professores.

Canhão seguidor – *s.m.* 1. “Luz de brilho intenso com a possibilidade de regular o tamanho da área iluminada, bem como o foco dos feixes de luz, utilizado para acompanhar uma pessoa ou um objeto que se movimenta na área cênica.” (SANTANA, 2016 p.120) 2. Sonho de consumo de palco da autora deste TCC.

Capacitista – que vem do capacitismo, que por sua vez “ é um neologismo que sugere o afastamento da capacidade, da aptidão, pela deficiência” (DIAS, 2013 p.5 *apud* MELLO, 2014 p.16)

Capítulo – *s.m.* 1. Divisão de livro ou novela. (GOOGLE, 2020) 2. Para autora do TCC um nome sem graça.

Caps Lock – tecla que possui a função de deixar as letras em caixa alta, todas maiúsculas. Geralmente o recurso é usado para destacar o que está sendo escrito, como se tivesse grande importância em ser visto ou como se quem escreveu estivesse gritando.

Carreira artístico-pedagógica – *s.f.* 1 Carreira que soma a formação na área pedagógica com a artística. 2. Aquilo que a autora deste TCC acabou seguindo, porque não tem família rica e não poderia ser só artista.

Casting – *s.m.* 1. Conhecido no meio artístico teatral como sinônimo para “teste para elenco”. 2. É um processo seletivo para a escolha de artistas para um certo trabalho. Ex.: *Casting* para escolher um modelo fotográfico para uma publicidade. 3. Aquilo que a autora deste TCC só é chamada para fazer papel de progenitora.

Cd - *s.m.* 1. Do inglês, *Compact Disc*. 2. Artefato circular, com um furo no meio e duas faces, uma brilhosa e outra não. Os humanos compravam-nos em lojas, como um dia já compraram *L.P*, para ouvirem músicas gravadas na ordem que a gravadora quisesse. Houve um tempo que era possível comprar o *cd* “virgem” e gravar músicas nele - com auxílio do computador e, possivelmente, um programa de origem duvidosa - para colocar quantas músicas quisesse, na sequência que quisesse, sem os comerciais da rádio ou, na maior parte das vezes, o pagamento dos direitos autorais.

Cena – *s.f.* 1. De acordo com Pavis,

O termo cena conhece, ao longo da história, uma constante expansão de sentidos: cenário, depois área de atuação, depois local da ação, o segmento temporal no ato e, finalmente, o sentido do metafísico de acontecimento brutal e espetacular (“fazer uma cena para alguém”). (2011 p.42)

Cena de improviso – cena teatral sem roteiro prévio encenada, geralmente, por improvisadores, após treinos baseados na metodologia de *Keith Johnstone*.

Cenário – *s.m.* “Aquilo que, no palco, figura como quadro ou moldura da ação através de meios pictóricos, plásticos, arquitetônicos etc.” (PAVIS, 2011 p.42)

“Chapéu passando” – Ação difundida no meio artístico para apresentações, na sua maioria de rua, para possibilitar doações espontâneas para os artistas seguirem realizando seu trabalho e adoçando o dia a dia das pessoas.

Cis - *s.m.* 1. O oposto de “trans” (GLAAD, 2016 *apud* Reis, 2018 p,27). sigênero Significa aquela pessoa que se identifica, em todos os aspectos, com o que colocaram em sua certidão de nascimento ao nascer.

Um termo utilizado por alguns para descrever pessoas que não são transgênero (mulheres trans, travestis e homens trans). “Cis-” é um prefixo em latim que significa “no mesmo lado que” e, portanto, é oposto de “trans-” (GLAAD, 2016). Refere-se ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer.

“Círculo vicioso” – expressão amplamente usada quando queremos dizer que algo se repete com frequência, como num movimento circular que nunca muda seu trajeto, voltando sempre para o ponto de partida.

Classroom influencer – nomenclatura que surgiu no ano de 2020 durante a pandemia causada pelo coronavírus dada a professores que passaram a dar aula por meio de vídeos síncronos e assíncronos.

C.L.T. – *s.f.* 1. Sigla Consolidação das Leis do Trabalho. Marco legal que estabelece normas regulatórias para as relações individuais e coletivas de trabalho no Brasil, aprovada pelo decreto-lei nº 5.452 em 1943 e, desde então, passou por atualizações e reformas. (PLANALTO, 1943) 2. Vulgarmente conhecida como “carteira de trabalho”. 3. Aquilo que a autora deste TCC queria que assinassem como atriz ou produtora, mas “só” conseguiu como professora pedagoga até então.

Construção dos saberes – expressão sinônima ao construtivismo, teoria defendida pelos estudos de *Piaget* e *Vygotsky*, entre outros. Ambos os autores são construtores, acreditam que aprendizagem significativa deve ser construído no coletivo, com outros sujeitos (estudantes e professores) relacionados ao objeto de estudo. O que diferencia esses autores é porque *Vygotski* ressalta o valor da linguagem aos contextos culturais “na construção do conhecimento e de desenvolvimento cognitivo.” (MARQUES, 2007 p.2)

Consumista – s.m. 1. Aquele que pratica o consumismo, que compra em demasia bens duráveis ou artigos supérfluos (GOOGLE, 2020). O consumismo difere-se de consumo, afinal consumo está ligado a uma das atividades de sobrevivência humana (BAUMAN, 2008 *apud* NERY, M. ; TORRES, T. ; MENÊSES, C. , 2012 p.55-58) como nutrir e alimentar, enquanto consumismo remete “àquilo que exaure e destrói” (CYPRIANO, 2008 p.10 *apud* id.) Mais profundamente podemos compreender que “a base para uma alienação social mais profunda, resultante dos fetiches das mercadorias, era a alienação dos consumidores com relação ao que consomem” (MARX, 1983 *apud* id.) Se pensarmos para o lado da economia, consumismo é a doutrina de que um consumo crescente e ininterrupto é vantajoso para a economia, sendo difícil conciliar com a ecologia. (GOOGLE, 2020). 2. Aquilo que a autora deste TCC não queria, mas por vezes é. “Comunista de *Iphone*” ? Presente. Ora, mas eu preciso sobreviver no capitalismo selvagem, pessoal! Se eu pudesse eu não usaria. Eu acho.

Coringamento – também conhecido como sistema coringa (PROENÇA, 2017 p.2) é a técnica teatral na qual um personagem é feito por diferentes artistas na mesma apresentação, usando, muitas vezes, um ou mais recursos para a plateia compreender que se trata do mesmo personagem. (BOAL, 2005) Podemos também ter a variação que um mesmo ator pode acumular mais de um personagem, inclusive na própria peça. (idem) Por exemplo: no espetáculo “Peter Pan para os já crescidos” (PROENÇA, 2013) todo o elenco de 6 atores passava por todos os personagens. Então, por exemplo, quem era o personagem do “Capitão Gancho” usava um saca-rolhas como o gancho, óculos escuros, um casaco de pele e um leque (recursos visuais) e tinha um timbre - que é a qualidade do som (LIGNELLI, 2014) - que parecia, para quem assistia,

instável, às vezes mais aveludado, outras mais aerado, com variações acentuadas de frequência (recurso físico).

Coxia – No teatro, coxia é o espaço da caixa cênica que o público não vê, geralmente aquele que o artista passa para entrar em cena. A autora deste TCC é apaixonada por esse lugar e pela sensação que ele provoca em seu corpo.

Criação artística – *s.f.* 1. Para a autora deste TCC, significa qualquer obra humana, famosa ou não, criada por uma pessoa, famosa ou não, com fins artísticos.

D

“Dã” – expressão proferida por estudantes, geralmente até o 6º ano do Ensino Fundamental 1, anos finais, a alguém que fez um comentário equivocado. Normalmente, a expressão é proferida coletivamente, causando desconforto em quem a recebe. Sinônimo de “Nada a ver.”, “Você disse algo que não está correto.” ou até “Tá viajando, ‘vei!’”

“Dãããã” – Evolução da expressão “dã” (vide neste mesmo glossário), que ocorre por conta do coro uníssono de, possivelmente, mais de uma pessoa, fazendo que a sensação de vergonha daquele que recebe aumente exponencialmente.

Desmontagem cênica - vivência teatral comum em Brasília, quando a equipe do espetáculo reúne-se para um bate-papo com o público, geralmente, no pós apresentação. A autora deste TCC participou pela primeira vez de uma desmontagem em 2017, após a peça “Autopsia” de Jonathan Andrade, e ficou encantada com a potência artístico pedagógica daquela ação. No espetáculo, que reúne textos de Plínio Marcos, parte da dramaturgia havia sido feita com a colaboração de catadores do Lixão da estrutural. Somente na desmontagem cênica que o público descobriu diversos detalhes da montagem, que gerou mais catarse - pelo menos para a Carina - que o próprio espetáculo. Desde então, em seus trabalhos artísticos, sempre propõe a prática, permitindo a práxis pedagógica na arte das apresentações.

“De perto, ninguém é normal” – é um dos versos de [“Vaca profana”](#), música de Caetano Veloso, que remete à uma famosa frase, de autoria de Millôr Fernandes, “como são maravilhosas aquelas pessoas que não conhecemos muito bem.” - a fala é tão famosa que ninguém mais preocupa-se em avisar quando e onde ele disse isso! Para a autora deste TCC, seu anjo de guarda a lembra de todo momento que é questão de intimidade o quanto alguém pode ser parecido com ela: nada normal. E assim então, deixo então a reflexão “O que é, de fato, é ser normal?”

“Diabéisso” – expressão que aglutina as palavras “diabo”, “é” e “isso” em uma única “palavra” e, por conta da velocidade que é proferida, perdem-se alguns fonemas e grafemas.

Dogmático – *s.f.* 1. “Relativo a dogmas e dogmatismo; que se apresenta com caráter de “certeza absoluta”.” (GOOGLE, 2020) Da teologia, o dogma é um ponto fundamental de uma doutrina religiosa, apresentado como certo e indiscutível. Se estendermos, podemos definir dogma por qualquer doutrina de caráter indiscutível. (GOOGLE, 2020). 2. A autora deste TCC percebe que pessoas ligadas às essas características costumam ser extremistas, fechadas ao debate, sempre percebendo a sua verdade como única possível. Não nomearei exemplo de pessoas assim para não fazer propaganda. #EleNunca.

Drama – *s.m.* 1. “No Brasil, de modo genérico, para um público não-especializado, drama significa o gênero oposto da comédia.” (PAVIS, 2011 p.109). 2. O drama é imediatamente associado ao drama psicológico, na tradição americana adotada pelo nosso teatro. (idem). 3. “No sentido geral, o drama é o poema dramático, o texto escrito para diferentes papéis e de acordo com ação conflituosa” (idem). 4. Neste TCC a autora afirma fazer um drama, ou seja, “apelou” para a emoção para ver se convence alguém a lhe conceder suas vontades.

Dvd – *s.m.* 1. “Disco óptico adaptado à multimídia e ao vídeo digital, cuja capacidade de armazenamento é superior à do *cd*.” (GOOGLE, 2020). 2. Muito parecido com o *cd* (vide definição neste mesmo glossário), mas ao invés de música, as pessoas podiam “piratear” filmes ou séries sem pagar direitos autorais.

E

“É aquilo que tem no *shopping*” – expressão proferida, geralmente, por pessoas que não tiveram acesso à educação artística e desconhecem os termos “teatro”, “apresentação teatral”, ou até “suposta apresentação teatral porque supostamente houve ensaio, direção e estudo de encenação”. Alguns conhecem como “apresentação de teatrinho”. A autora deste TCC já apresentou em *shopping* e possui dificuldade de nomear essas apresentações de “teatro”. Na sua experiência eram “peças” escritas sem refinamento artístico, sem ensaios, construções da personagem ou do papel. Pareciam mais um “*fast food*” teatral, no qual profissionais (com ou sem experiência, com ou sem formação) eram escalados para repetir o roteiro em voz alta e suas respectivas movimentações em cena, com uma determinada roupa, durante um determinado tempo. Muitas vezes esse tipo de apresentação reproduz algo que já existe, como filmes muito famosos no meio infantil, ou livros populares. Contudo, não é levado em consideração os direitos autorais, sejam literários, fonográficos e/ou estéticos. Os profissionais que atuam como atores, muitas vezes, precisam ser maquiadores e produtores simultaneamente. Resumidamente: a autora deste TCC gostaria que seus estudantes tivessem contato com obras teatrais mais estruturadas que essas, geralmente, apresentadas em *shopping*, para que eles não associassem teatro apenas a esse tipo de prática artística de cunho comercial. Porém, se alguém chamar a autora deste TCC para fazer esse tipo de trabalho, ela vai! Cem reais por uma hora em cima do palco? SÓ SE FOR AGORA.

“E o salário ó!” - Bordão do espetacular humorista brasileiro Chico Anysio, que satirizava a profissão docente interpretando o “Professor Raimundo” no programa televisivo “Escolinha do Professor Raimundo”.

ECAD – *s.m.* 1. Sigla Escritório Central de Arrecadação é um órgão privado, amparado pela lei 9.610/98, para arrecadar os direitos autorais de cada música tocada em execução pública no Brasil, seja ela nacional ou estrangeira. O dinheiro deve, então, ir para os artistas (compositores, intérpretes, músicos, editores e produtores fonográficos). (ECAD, 2020). 2. Para a autora do TCC é uma taxa bem alta que será cobrada por passar mais de 30 segundos de qualquer música de *Beyoncé* em sua apresentação.

“Educação bancária” – *s.f.* 1. Tipo de educação explicada por Paulo Freire como aquela que considera apenas o professor (educador) como sujeito do processo de ensino-aprendizagem, só ele sabe e “deposita” seus conhecimentos no aluno (educando), que é considerado como uma “conta vazia de banco”, ignorando seus saberes prévios e a construção de “novos saberes” de maneira dialógica. 2. Podemos inferir que Freire falava daquela educação mais tradicional, que fazia com que os educandos apenas memorizassem e repetissem mecanicamente, evitando dar possibilidades de enriquecerem e trocarem hipóteses e experiências com outros estudantes. Para Freire a escola conservadora não estimulava a curiosidade, quando deveria ser o contrário: a educação deve inquietar os educandos, a fim de que não se acomodem com o que já se sabe, mas que investiguem, busquem novas respostas, novas maneiras de se pensar. (2005)

Educando – *s.m.* 1. De acordo com Freire (1996), aquele aprende e ensina, simultaneamente, um aprendiz ativo. 2. O aluno, mas não naquele modelo silenciado, e sim na perspectiva de ser colaborador, curioso e participativo. (BRIGHENTE; MESQUIDA, 2016)

Elitista – *Adjetivo e substantivo de dois gêneros.* 1. “Diz-se de ou pessoa partidária do elitismo ou que defende posições elitistas.” (GOOGLE, 2020). Elitismo, por sua vez, é o sistema que privilegia a elite, em detrimento dos demais membros da sociedade (id.). 2. De acordo com a autora deste TCC, é aquela pessoa que não imagina o quanto é difícil: **não** nascer em uma família rica e influente – que, na sua maioria, já possui imóvel próprio, carro próprio, mora em locais acessíveis e estruturados, consegue estudar na infância e na adolescência em escolas de renome, faz cursos, sem precisar usar transporte público ou andar mais que 500m para suas “obrigações”.

Emília Ferreiro e Ana Teberosky – *s.f.* 1. Autoras do livro

“Psicogênese da língua escrita”, uma obra “paradigmática, adotada em todo mundo, [ela] utilizam a psicolinguística contemporânea e a teoria de Piaget para demonstrar como a criança constrói diferentes hipóteses acerca do sistema de escrita, antes de chegar a compreender as hipóteses de base do sistema alfabético, oferecendo

um subsídio único para professores, psicopedagogos, linguistas e todos aqueles preocupados com a educação eficaz. (AMAZON, 2020)

2. A autora deste TCC batizaria essa dupla como “PATROAS”, pois graças a práxis da psicogênese da língua escrita, proposta por ambas, ela alfabetiza crianças na perspectiva do letramento desde 2009. Brincadeiras à parte, é importante saber que a pesquisa das duas foi um divisor de águas na educação, levando a alfabetização do âmbito exclusivo da pedagogia para a psicologia.

Empanada – *s.f.* 1. Estrutura típica do teatro de bonecos de mamulengo, sendo possível ser feita de diversos materiais, o importante é o manipulador dos bonecos (Mestre ou mamulengueiro) não aparecer, para não quebrar a ilusão que se mexem sem auxílio. A autora deste TCC aprendeu essa definição com a professora Izabela Brochado, na disciplina “Teatro de Formas Animadas – LATA” na UnB.

“Enfim, a hipocrisia” – o *meme* de grande repercussão no ano de 2020 nasceu na rede social *Twitter*. Logo foi amplamente difundido em outras redes sociais, como *WhatsApp*, *TikTok*, e *Instagram*. A brincadeira se dá a partir de, pelo menos, dois níveis de contradição: uma que explora a relação entre palavras e outra, a relação entre as circunstâncias. Após a ampla exposição, surgiram várias modificações da original.

Ensino híbrido – modalidade que mescla o ensino remoto e o ensino presencial, sendo a realidade das escolas particulares no 2º semestre do ano de 2020, por conta da pandemia da COVID-19. Parte dos alunos fica assistindo por ferramentas digitais e em casa as aulas, enquanto a outra parte já retornou à escola, respeitando todos os protocolos de segurança exigidos pelos órgãos de saúde.

Enter – tecla de teclado de computador, *notebook* ou celular que possui a função de enviar mensagens em redes sociais.

“Era tudo mato”* – *meme* ([@sinceroficial](#), acessado em 2020) difundido nas redes sociais em 2019, de autor desconhecido, que traz uma fala corriqueira nos

moradores mais antigos de qualquer cidade, querendo demonstrar o quão antigos são. A fala foi para as redes, sendo proferida por aqueles que são antigos nas redes atuais vigentes e obsoletas. A autora deste TCC acredita que esse tipo de meme contribui para o seu sentimento de nostalgia e detecta que sua idade está ficando avançada...

Escaninhos – *s.m.* 1. Tipo de armário sem portas, geralmente de madeira, que possui diversos nichos em formato quadrado, para que cada um seja usado por uma pessoa diferente.

Escriba – pessoa que escreve enquanto outros ditam. Recurso pedagógico muito utilizado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, para que as crianças foquem nas questões discursivas e não ortográficas.

Espaçotemporalidade – *s.f.* 1. Dimensão humana (VERGARA; VIEIRA, 2005). capaz de se organizar no tempo, como se organiza em um espaço. Sugestão: Imagine uma linha do tempo para se organizar no que veio antes ou depois de determinado marco temporal, assim como você encontra um endereço a partir de um ponto de referência visível fisicamente.

F

FE – *s.f.* Sigla para a Faculdade de Educação, parte integrante da Universidade de Brasília, campus Darcy Ribeiro, no Plano Piloto.

Figurino – *s.f.* 1. Quando a vestimenta é colocada em cena torna-se um figurino teatral. (PAVIS, 2011 p.168). 2. Mais do que uma roupa, o figurino “vende” uma ideia, juntamente com os outros elementos de encenação (maquiagem, iluminação e cenografia). 3. Aquilo que a autora deste TCC ama, mas nunca conseguiu investir como gostaria nos figurinos que já utilizou.

Focault - *s.m.* 1. Um ávido crítico escolar que comparava que descrevia as semelhanças entre presídio, hospício e escola, sugerindo modificações no sistema educacional moderno como saída evolutiva. (FERRARI, 2008c sem

paginação). 2. Para a autora deste TCC alguém que seria seu colega de turma, com certeza.

Fotolog – site semelhante a rede social atual chamada de *Instagram*, com a diferença que não havia *digitais influencers* com tanto engajamento quanto atualmente. Seus usuários postavam fotos, com legendas super reveladoras de sua intimidade, ou com trechos de músicas, ou pensamentos, ou “piadocas”. Já tinha foto de prato de comida e nunca entenderemos o motivo.

FUNARTE – s.f. 1. sigla Fundação Nacional das Artes, existente em diferentes estados brasileiros, “é um órgão do Governo Federal, cuja missão é promover e incentivar a produção, a prática, o desenvolvimento e a difusão das artes no país.” (FUNARTE, 2020). 2. Espaço físico ocupado em 2016, por manifestantes da classe artística, como forma de protesta a extinção do Ministério da Cultura, agregando a FUNARTE ao Ministério do Turismo.

“**Funciona**” – 1. Verbo intransitivo, geralmente usado em sua forma negativa, amplamente usado pelos “mestres do teatro” brasilienses para designar o que “deu certo” em cena, durante o ensaio teatral, baseado em seus gostos e experiências profissionais. Nota: A autora deste TCC não gosta muito do uso dessa “expressão”, baseada em seus gostos e experiências profissionais, para ela não somos máquinas e nem lidamos com situações burocráticas para algo funcionar ou não. Prefere utilizar a expressão “gosto”, abarcando os processos criativos de personalidade, recheada de signos históricos e afetivos de cada um.

G

Gal – s.f.1. Nome fictício para coordenadora pedagógica para qual a autora deste TCC trabalhou assim que foi selecionada para alfabetizar e assim que estava na rua da amargura, alguns anos depois.

Google – s.f. 1. Empresa multinacional americana de serviços *online* e *software*. 2. Empresa presente no celular, computador, aplicativos de deslocamentos, sala de aula remota e televisões da autora deste TCC. 3. Site que funciona como dicionário, entretenimento, fonte de informação segura e insegura, tutorial para tudo e para nada, autoajuda etc. Nota: difícil explicar a *Google* em um papel 2d. Peço a ajuda aos universitários! Digo, da banca!

Grotowsky - s.m. 1. Aquele que defendia a prática à teoria. Aquele que valoriza o “método das ações físicas” de Stanislavsky. mas as diferenciava de atividades. Para Grogro (apelido carinhoso que a autora deste TCC o chama enquanto estuda) os atores devem acessar sua corporalidade em uma relação ancestral, buscando suas memórias pessoais, e encontrariam algo, não o personagem. (RICHARDS, 2014 p. 83 - 135)

H

Hamlet – peça teatral mundialmente conhecida, escrita por *Shakespeare*, encenada diversas vezes, em diversos lugares, por elenco e direção diversa. Uma de suas adaptações delas chama-se “Rei Leão” e foi feita pela *Disney*. É importante ressaltar a encenação assistida por *Vigotski*, em 1916, que se tornou referência mundial pela concepção antinaturalista estimulada por *Stanislavski* (responsável pelo trabalho com os atores) e *Gordon Craig* (responsável pela concepção de cena). (BARROS; CAMARGO ; ROSA, 2011 sem paginação)

Hétera - que possui orientação sexual pelo sexo/gênero oposto.

Hiperêmese gravídica - 1. É quando a mulher grávida sente enjoos, náuseas e vômito o tempo todo só pelo fato de existir. Acordar já é motivo suficiente para estar com mal estar. 2. A autora deste TCC teve e ainda ouvia as pessoas falarem “Ain, estar grávida é maravilhoso, né”

“História de uma gata” – 1. Canção do álbum infantil “Os Saltimbancos” com músicas compostas e arranjadas pelo compositor argentino Luis Enríquez Bacalov, e adaptadas para o português pelo músico brasileiro Chico Buarque. A interpretação dos animais foi feita por Miúcha (galinha), Nara Leão (gaa) Magro (jumento) e Ruy (cachorro). (Wikipédia, 2020). 2. Para a autora deste TCC, é um hino da classe artística, uma vez que a personagem da Gata representa-a na dramaturgia dos Saltimbancos, desde sua relação totalmente diferente com o seu trabalho, a seu jeito diferente de ser, de levar a vida e da ausência do reconhecimento de seus feitos como trabalho, mesmo que não seja burocrático como os outros.

Homofóbico – s.m. 1. Daquele que pratica homofobia, que por sua vez é o

termo utilizado para designar o ódio, repulsa, aversão, intolerância, medo desproporcional persistente ou até mesmo a prática discriminatória contra homossexuais ou a homossexualidade, como expressão de gênero. Na atualidade, distinguem-se as formas de opressão sofrida pelas mulheres, lésbicas, sejam como indivíduos, como um casal ou como um grupo social de-lesbofobia, contra bissexuais de -bifobia e contra travestis e transsexuais de -transfobia. (SESAB, 2020)

“Homossexualismo” – *s.m.* 1. Terminologia equivocada, generalista, ultrapassada e considerada pejorativa pela comunidade LGBTQAI+. “Consiste em uma inadequação linguística e preconceituosa o uso desse termo, visto que o sufixo “ismo” pode conotar doença, distúrbio, anormalidade.” O termo correto é “homossexualidade, indicando “modo de ser”. (SESAB, 2020)

I

Identidade de gênero – *s.f.* 1. De acordo com o Manual de Comunicação LGBT (REIS, acessado em 2020):

Experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos (PRINCÍPIOS, 2006 p 7 *apud*)

Idiotice - *s.f.* 1. Aquele que é idiota, mas no sentido que a autora deste TCC quis imprimir, foi uma idiotice positiva, daquelas que você ri do seu ridículo, junto aos seus. Que sua criança interior não foi domesticada a desaparecer na vida adulta.

Improvisação – *s.f.* 1. Técnica teatral voltada para o fazer espontâneo (CHACRA, 2005 p.11), que coloca o ator como autor dramaturgo simultaneamente ao fazer da atuação (id. p.40) . 2. Técnica de “linguagem física” (ARTAUD *apud* MUNIZ, 2015 p. 22) que exige muita escuta (SPOLIN, 2001 p.341) muita união, sentimento de grupo e aceitação de grupo (MUNIZ, 2015). 3.Técnica, muitas vezes, subestimada por “mestres” do teatro, um dos quais já disseram para a autora deste TCC que “não é teatro de verdade”. “Perdoai-vos, ó, Pai: eles não sabem o que falam!”. Eu conto ou vocês que a Comédia *dell’arte* utilizavam a improvisação? Que o Teatro do Oprimido usa a improvisação como ferramenta? Dêem-me paciência, porque ranço me sobra! 4. A autora deste TCC já ajudou a criar e apresentou uma peça chamada “Variável” (DUAVY e Cia E agora? Teatro de improviso, 2015). As sessões eram de 1 hora, aproximadamente, e contávamos histórias completamente improvisadas a partir

de experiências compartilhadas com a plateia . Era intenso, divertido e emocionante – e não só para quem estava no palco. Um dos sonhos da autora deste TCC é que conheçam a potência da improvisação não só como processo, mas como produto. Não só como treino e comédia, mas como mais uma opção de arte e uma técnica que exige bastante de seus improvisadores.

Improvisadores – *s.m.* 1. Plural de improvisador, que é a pessoa que treinou a metodologia criada por *Keith Johnstone*, para cenas de improvisações teatrais. 3. Para Carvalho (2019) o *performer* da cena improvisada. 2. Nas palavras do criador, *Johnstone* (1983) a criatura, ou seja,

[o] improvisador deve ser alguém tal como um homem que anda de costas. Ele vê onde esteve, mas ele não presta atenção ao futuro. Sua história pode levá-lo a qualquer lugar, mas ele deve ainda sim balanceá-la e dar-lhe forma, rememorando incidentes que ficaram para trás, reincorporando-os. (*apud* ACHATKIN, V.C., 2010 p.126)

Irmãos Grimm – são escritores alemães nascidos no século XVIII reconhecidos pela qualidade dos contos que produziram. Dizem que eles escreviam aquilo que escutavam dos camponeses e camponesas, já que naquela época as histórias passavam de geração para geração no boca-a-boca. (ARAÚJO, 2020 sem paginação)

J

Job – *s.m.* 1. Do inglês, trabalho. 2. Do português, trabalho. 3. Do meio artístico, trabalho temporário e remunerado em publicidade. 4. Da autora do TCC, aquilo que não conseguirá quando Tainá Baldez está participando do *casting*.

Jogo do dicionário - *s.m.* 1. Jogo de teatro de improviso no qual cada improvisador, quando a campainha toca, deve definir, à parte da cena, a última palavra ou expressão que falou em cena. Este jogo faz parte do espetáculo “Improvável” do grupo Barbixas, de São Paulo.

K

“Kit de maquiagem” – saco plástico com três lápis de maquiagem (preto, branco e marrom). Possivelmente daria menos de 10 reais por estudante.

L

LDB – sigla Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) “é a legislação que regulamenta o sistema educacional (público ou privado) do Brasil (da educação básica ao ensino superior).” (PLANALTO, 1996)

Lei nº 12.796 de 2013 – É a lei que “altera, [alguns pontos], da LDB/96, estabelecendo [novas] diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências.” (PLANALTO, 2013). Para a autora deste TCC, é uma lei importante, principalmente, pela consideração com a diversidade étnico-racial e a formação do profissional da educação.

Lei nº 13.278, de 2016 – lei que altera o 6º parágrafo do artigo 26 da LDB, referente ao ensino da arte. Essa lei inclui as artes visuais, a dança, a música e o teatro como linguagens que constituirão o componente curricular “Artes”, estipulando o prazo de 5 anos para implementação, a partir da data de sua publicação. (PLANALTO, 2016) 2. Foi essa lei que inspirou a autora deste TCC a fazê-lo. Foi o pontapé inicial!

Letramento – *s.m.* 1. Se alfabetização é “a capacidade de decodificar e ler autonomamente” (SEF/MEC, 2001a p.208) letramento é um “conjunto muito mais amplo de conhecimentos que permite participar do universo letrado. Para participar do mundo de hoje é preciso ler e escrever bem, é preciso saber escrever a língua das classes dominantes” (idem). 2. Em outras palavras, não basta reconhecer e associar grafemas e fonemas para ler e escrever, é necessário compreender, interpretar o que se escreveu e/ou leu. Letrar alguém vai além de ensiná-lo decodificar, pois “[...]a leitura de mundo precede a leitura da palavra, [...] A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto [...]” (FREIRE, 1989 p.9), ou seja, assim como qualquer conhecimento deve ser a base para se aprender,

o que aprendemos deve se relacionar com aquilo que vivemos. O contexto deve ser tão importante quanto o conteúdo.

“**Livro da família**” – livro que aborda alguns tipos de organizações familiares de maneira divertida, trazendo o mundo animal para ajudar a explicar. Ele faz uma rápida alusão às famílias que podem ser duas mães ou pais. Por conta dessa parte do livro, pessoas conversadoras (de dentro ou fora das escolas) costumam condenar o uso do livro em sala de aula, alegando “doutrinação sexual” por parte das escolas, pois essas entidades nem deveriam abordar esse “tipo” de assunto”, principalmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois quem decide a criação dos filhos é a família. Para a autora deste TCC, é um livro inofensivo (veja a imagem da capa), que aborda sutilmente as diferenças familiares que existem no mundo atual. Ele auxilia as crianças a enxergarem fora de suas bolhas e reconhecerem que o importante é ter uma família que te respeite e te dê amor o suficiente para você espalhar pelo mundo!



Lógica mercadológica – No que tange a educação essa lógica vê o conhecimento e performance do professor como mercadoria, levando-o ao “desgaste intelectual, social, cultural e econômico” (PEREIRA, 2008 *apud* SENA, PEREIRA, 2016). O que a autora deste TCC quer abordar é apesar das propagandas escolares trazem referências a uma pedagogia libertadora, construtivista, sócio-histórico-cultural, o que observamos na prática são professores abarrotados de funções acumuladas, com currículos enormes a serem seguidos de maneira “diferenciada”, mas no mesmo prazo de sempre: o ano letivo vigente. É insustentável a carga de trabalho que um profissional dos anos iniciais precisa realizar para o líquido de seu salário mensal. Super legal aplicar as teorias de Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Freire, Vygotsky, Piaget... Agora me dê tempo para trabalhar! Me pague pelas horas que preciso me dedicar a aprender e pesquisar coisas novas! Eu não quero só fazer isso nas

minhas horas vagas, eu tenho outra vida fora do trabalho, sabia? Eu ganho adicional para correção e elaboração de materiais, mas essas hora devem ser proporcionais a carga de trabalho executada. Por que os professores dos Anos Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio ganham mais que as Pedagogas? POR QUÊ? #Textão

Ludmila – s.f.1 Nome fictício para coordenadora pedagógica com práticas conservadoras e racistas na qual a autora deste TCC trabalhava no ano de 2017.

M

Machista – s.m. 1. “Que ou aquele que pauta sua conduta pelo machismo.” Machismo é o “comportamento que tende a negar à mulher a extensão de prerrogativa ou direitos do homem”. 2. De acordo com a autora deste TCC, é aquele pessoal que acha que o homem é que manda na casa, que deve sustentar a casa, que a mulher deve obedecer às vontades masculinas etc.

Mamulengueiro – s.m. 1. Quem trabalha com teatro de mamulengo, que, de acordo com Benatti e Brochado (2018) é

Uma brincadeira de teatro de bonecos popular em Pernambuco e como tradição oral, é permanentemente ressignificado por seus produtores. A brincadeira permite a participação e o diálogo com o público, estabelecendo uma relação dinâmica que também se realiza no fortalecimento da identidade de um povo, expressam e denunciam valores, informam suas visões de mundo, seus desejos, experiências individuais e coletivas.(p.184)

“Manoel Carlos está para o nome Helena” – Manoel Carlos é um autor de novelas brasileiras que costuma utilizar o nome “Helena” para todas as personagens principais de suas tramas burguesas passadas no Rio de Janeiro.

Maquiagem – s.f. 1. A maquiagem teatral possui mais que a função banal do embelezamento, ela adapta a cor da pele à iluminação cênica. (PAVIS, 2011 p.231) 2. A maquiagem compõe, junto com figurino, cenário e iluminação, a ideia sobre personagens e história a ser dramatizada/contada.

“Maria Sapatão” – marchinha de carnaval atualmente considerada lesbiofóbica, por satirizar a união amorosa entre duas pessoas que se apresentam aos demais como mulheres, chamando-as de “sapatão”. A autora deste TCC não possui interesse em divulgar tal obra, por acreditar que é repleta de preconceito, assim não colocará nas referências como forma de protesto.

Máscara – *s.f.* 1. Aquilo que se coloca sobre a face humana, por razões diversas, ocupando sua totalidade ou não. 2. A autora deste TCC fala no trecho sobre a máscara social, que o querido Boal (2005) explica como aquela que só quem usa sabe o quanto precisa fingir por fora aquilo que não é sentido por dentro.

Máscara “teatral” – Diferencia-se do outro verbete máscara deste mesmo glossário, pois agora a referência não é a máscara social, que esconde nossos verdadeiros sentimentos perante a sociedade. Agora estamos falando daquela máscara “invisível”, que é usada por quem está no palco, aquela máscara que parece que foi colocada uma máscara, pois o seu rosto mudou, não é mais somente o seu rosto, é o rosto de um personagem imprimido por suas feições, tensões e relaxamentos. A professora deste TCC quis destacar que seus estudantes mudaram não só seu corpo, mas também seu rosto. Sim, sabemos que o rosto faz parte do corpo, porém quem está iniciando vivências teatrais, por vezes desconecta o corpo e rosto, conseguindo desconstruir um só por vez.

Mateus – *s.m.* 1. É o Mestre de Cerimônias no teatro de bonecos, principalmente no teatro de mamulengo. Essa definição também foi apresentada à autora deste TCC durante as aulas de Teatro de Formas Animadas com a professora Izabela Brochado, na UnB. (vide definição de “mestre de cerimônias” neste mesmo glossário, pois são uma espécie de sinônimo).

Matriz – No meio teatral é conhecido como a técnica de imprimir fisicamente uma característica – ou mais – para definir uma personagem. (FERRACINI, 2013 p.115-116) Por exemplo: na sala de ensaio o diretor fala para você imitar diversos animais e, ao final do experimento, mistura suas produções, como: pé do elefante, pescoço da girafa e olhos do besouro; para enfim compor um personagem teatral.

“Meme na Internet” – gênero imagético textual de intenção cômica, amplamente consumido por brasileiros, que, geralmente, usa uma frase curta e/ou uma mesma imagem para várias situações. É uma febre entre os anos 2010-2020, reflexo de uma sociedade viciada em redes sociais. A velocidade na qual são produzidos provoca uma espécie de “desleixo” proposital em sua imagem, fazendo qualquer *design* gráfico “desenvolver TOC”. É importante refletir sobre o uso indiscriminado de fotos, imagens, vídeos/GIFs, frases sem qualquer menção ao direito autoral ou a autorização daqueles que aparecem. Há artistas que curtem o engajamento de suas imagens associados aos memes. Já outros, são pessoas completamente desconhecidas que viralizam sem qualquer controle sobre sua imagem! No ano de 2020 se fala muito que “A Internet é uma terra sem lei”, pois até que você consiga reverter um conteúdo produzido, possivelmente, todo mundo já acessou, já fez meme, *GIF*, figurinha para *WhatsApp* etc.

Merda – Segundo meus professores de Teatro, a uma expressão teatral de cultura francesa, pois antigamente, por volta do século IXI, quando havia muita merda de cavalo na porta do teatro, era um bom sinal, pois a plateia estaria cheia. Assim, perpetuou-se o costume de desejar “merda” antes de entrar em cena, para que os artistas tenham a sorte de ter a “casa cheia”!

Mestre de cerimônias – *s.m.* 1. Aquele que apresenta e ao mesmo tempo faz parte de um espetáculo teatral que pode envolver, geralmente: teatro de bonecos, teatro de mamulengo, teatro esporte e *stand up comedy*.

“Mestres” – *s.m.* 1. Profissionais que concluíram o mestrado em alguma área de educação e exercem a função de professores. 2. Expressão proferida por admiradores de alguns profissionais da educação, formal ou não formal, com formação acadêmica ou não, geralmente com uma relação platônica e/ou dogmática, como de um fã para um ídolo. 3. Para a autora deste TCC, é uma expressão pejorativa no meio em que convive, que nada tem relação com Mestrado, mas sim com aquele tipo de professor que estabelece uma relação mais vertical com os seus estudantes, de postura bem fechada para sugestões sobre o seu “infalível” método de ensino. No meio artístico brasileiro é possível

também ser conhecido como “aquele-que-não-pode-ser-questionado-se-não-você-não-trabalha-mais-com-teatro”.

Metalinguagem – s.f. 1 Usar a função metalinguística. 2. Palavra que se refere diretamente à própria linguagem.

Meu - *pronome possessivo* 1. Singela homenagem ao orientador deste TCC que odeia esse pronome. Conversamos: ele ensinou à autora deste TCC que não existe “meu aluno”. O aluno é dele mesmo. Ninguém é dono de ninguém! A autora deste TCC amou essa reflexão, e segue em desconstrução da sua possessividade ao se referir aos “seus” alunos, “sua” turma, “sua” filha, “seu” marido.

MI – menção acadêmica utilizada em Brasília para designar notas abaixo do suficiente para os estudantes serem considerados aptos.

Militante – *adjetivo ou substantivo de dois gêneros* 1. Aquele que milita, que combate, que defende ativamente uma causa. (GOOGLE, 2020) 2. A autora deste TCC se considera militante das causas das minorias, obviamente sabendo que não está incluída em todas, afinal é branca, cisgênero, héterossexual e monogâmica. A autora respeita o lugar de fala da comunidade LGBTQAI+, do movimento negro, do movimento feminista – principalmente dos pretos, do movimento se coloca à disposição para se desconstruir e auxiliar na desconstrução de outros, a fim de uma sociedade mais justa e menos preconceituosa

“Minha canção” - 1. Canção do álbum infantil “Os Saltimbancos” com músicas compostas e arranjadas pelo compositor argentino Luis Enríquez Bacalov, e adaptadas para o português pelo músico brasileiro Chico Buarque. A interpretação dos animais foi feita por Miúcha (galinha), Nara Leão (gata) Magro (jumento) e Ruy (cachorro). (Wikipédia, 2020) É uma música diferente das que são, constantemente, destinadas à infância na atualidade, com palavras rebuscadas, com acompanhamento musical primoroso, sem caráter escancaradamente pedagógico ou lúdico, feita como poema, para cada um

sentir à sua maneira... 2. A autora deste TCC possui dificuldade em ouvir seus estudantes cantando, pois sempre chora.

Miss Geração Y- adjetivo, geralmente, considerado pejorativo pela sociedade atual, com o objetivo de criticar pessoas que nasceram entre os anos de 1980 e 1990, com comportamento bem diferente de quem nasceu anteriormente. A geração Y é considerada muito sensível, muito ansiosa e muito sonhadora, demorando para sair da casa da mãe, para decidir a profissão que quer seguir e para se casar. A autora deste TCC ama ser da geração Y e tratar de suas fragilidades em terapia, já que as gerações anteriores não se tratavam.

Monólogo – *s.m.* 1. “[...] é um discurso que a personagem faz para si mesma.” (PAVIS, 2011 p. 247) 2. Há também o solilóquio, que é um monólogo mais interior, no qual o público é convidado a conhecer o inconsciente daquele personagem. (id. p.366)

MSN – Ferramenta digital *online* usada no início dos anos 2000 para bate-papo entre pessoas conhecidas, revolucionando todo o costume de conversação, que até então era feita via telefone ou sala de bate-papos abertos, com pessoas desconhecidas. Para a autora deste TCC, a ferramenta substituiu os cursos de datilografia, afinal todos os adolescentes ficaram familiarizados com os teclados de suas máquinas a tal ponto, que acordava a casa toda nas madrugadas de Internet discada gratuita somente entre 00:00 e 6:00.

Múltiplas inteligências – Teoria de Gardner, que defende a existência de 8 tipos de inteligência humana e não somente a “lógico-matemática” amplamente valorizada pelos testes de QI (quociente de inteligência), criados por Alfred Binet (FERRARI, 2008a). 2. No contexto deste TCC, a autora quis dizer que não vale pensar só em um tipo de inteligência, tipo a lógico-matemática (por isso o termo matemático). O educador deve levar em conta os diferentes tipos e níveis de saberes prévios, afinal o estudante não é uma tábua vazia, um banco vazio... Ele é educando-educador! (JÓFILI, Z, 2002 p.193 – 196)

N

Namastê – s.m.1. Expressão originária do sânscrito que significa “eu saúdo a você” e é a forma mais digna de cumprimento de um ser humano para outro. (Significados, 2020). 2. Para a autora deste TCC, é uma palavra que caiu na rotina, usada em demasia, principalmente quando a carga de trabalho está bem grande e a chefia manda uma mensagem positiva, estilo “*namastê*”, fazendo com que os exaustos e explorados se enxerguem como “com pouca fé e positividade”. ~~Leve seu incenso e seus chacras pra lá que eu quero receber respeito efetivamente e não por mensagens cintilantes às sete e vinte da manhã, chefe!~~

Netflix – s.f. 1. “Serviço de *streaming* que por assinatura permite assistir a séries, espetáculos e filmes sem comerciais, na hora que quiserem, em um aparelho conectado à *Internet*.” (NETFLIX, 2020). 2. s.m. Melhor invenção do planeta terra, pois salva os finais de semana de pessoas desprovidas de recursos financeiros, como a autora deste TCC.

“Ninguém manda na gente” - Trecho da música “Até quando você vai levando?” de Gabriel, O pensador.

Novela – s.f. 1. “Trama audiovisual em capítulos na televisão.” (GOOGLE, 2020). 2. Obras audiovisuais comumente difundidas pela televisão aberta brasileira, interrompidas constantemente por publicidade indesejada. 3. Aquilo que não tem na *Netflix* ainda. 4. Narrativa que a autora deste TCC está difamando, mas que se fosse escolhida para participar iria topar na hora!!!

“Novela da vida real” – expressão proferida pelo jornalista e apresentador de televisão Pedro Bial, quando comandava um *reality show* na Rede Globo de televisão, ressaltando que tudo que o público assistia não tinha roteiro, era de verdade.

O

“O erro é bem-vindo, o que importa é o que você fará com ele” é uma das frases mais proferidas pelos professores que já passaram pela “No Ato Produções”, empresa de cursos de teatro em Brasília. Trabalhar com a aceitação do erro é um dos pilares da empresa e, durante as aulas de iniciação teatral, os

professores buscam quebrar o medo que os alunos têm de errar. Essa “filosofia” foi culturalmente passada de Deto Montenegro na Oficina dos Menestréis, para Edson Duavy e Abaetê Queiroz, professores de teatro da Oficina Circo Íntimo, que passaram para Lucélia Freire e Luana Proença, professoras fundadoras da No Ato Produções, que passaram para todos seus estudantes, que alguns tornaram-se também professores de lá, que foram passando, passando e passando. Faz parte do folclore de quem faz curso de iniciação teatral na Asa Norte, praticamente! A autora deste TCC saiu da oficina no ano de 2016.

Objeto cênico – *s.m.* 1. “Objeto que os atores utilizam ou manipulam durante a peça” (PAVIS, 2011 p.6). 2. Lembrando que os objetos podem ser utilizados como são utilizados no dia a dia ou podem ter ser atribuídas novas funcionalidades. 3. Lembrando também que os objetos podem estar presentes fisicamente ou por mimese (mímica). 4. Lembrando que é importante não esquecer do objeto cênico na cena ensaiada, porque a autora deste TCC já esqueceu uma vez em cena e levou um esporro estratosférico da diretora.

“O não ela já tinha!” – 1. Expressão muito difundida em meios profissionais nos quais os subalternos não possuem tanta liberdade propositiva. 2. Livre incentivo à humilhação de se implorar algo. 3. Lema de vida profissional da autora deste TCC. 4. Papo de *coach*.

“O novo já nasce velho!” – música do conjunto musical “O Rappa” lançada no *cd* chamado “O silêncio que precede o esporro”, lançado em 2003.

Oração do teatro – são versos proferidos no coletivo, geralmente com um líder puxando os versos e o coro repetindo. A autora deste TCC sempre se emociona ao proferir tal “oração”.

Segura sua mão na minha (segura sua mão na minha)
Para que juntos possamos fazer (para que juntos possamos fazer)
Aquilo que eu não posso e não quero fazer sozinho
(aquilo que eu não posso e não quero fazer sozinho)
Eu sou o que sou (eu sou o que sou)
E já desfruto disso (e já desfruto disso)
MEEEEERDAAAA!
(Autor desconhecido)

Orkut – rede social já falecida, que veio antes do *Facebook*, utilizada no início dos anos 2000. Existia alguns *hiperlinks* bem interessantes, como: “*Scrapbook*” para as pessoas enviarem mensagens individuais, “*Testimonials*” declarações, geralmente afetuosas, a serem aprovadas pelos destinatários, “Comunidades” que era a união de pessoas de qualquer idade ou localidade por algo em comum etc. Saudades...

“Os músicos de Bremen” – inspiração para a obra intitulada “Os Saltimbancos”. O conto foi escrito pelos “Irmãos Grimm” que foi adaptada e traduzida por diversos autores em diversas línguas. Ela foi a inspiração para os saltimbancos, de Sergio Bardotti e Chico Buarque. O enredo conta a história de quatro animais domésticos, todos do gênero masculino, que resolvem fugir de seus antigos donos seriam “descartados” por conta da idade avançada. Cada personagem simboliza um diferente segmento social, os proprietários, por exemplo, simbolizam os senhores feudais. Os animais que queriam se libertar e ir para Bremen, eram os servos e Bremen, a cidade que os animais querem ir para serem músicos, por sua vez, foi uma cidade que no período medieval era livre do sistema vigente, não existindo o regime feudal ou vassalagem. (SCHMIDT, 2015 p.239 - 243)

“O tempo não pára!” – trecho de canção homônima de Cazuza e Arnaldo Brandão, lançada no álbum de 1988, também homônimo -preciso explicar o que é homônimo, ou deu pra entender?

“O teu cabelo não nega mulata” – marchinha de carnaval abominada, atualmente, por pessoas pretas, por utilizarem o termo “mulata” que remete a mula, por satirizar os cabelos de pessoas pretas e por associarem o tom de pele a conotação sexual. A autora deste TCC não possui interesse em divulgar tal obra, por acreditar que é repleta de preconceito, assim não colocará nas referências como forma de protesto.

P

“Pam-pã-ram-ram-pam” – expressão socialmente aceita e utilizada como recurso lúdico para solicitar silêncio a um grupo de pessoas que, possivelmente,

estão falando simultaneamente. É o famoso “cala a boca que eu vou falar, galera!” mas com bastante carisma.

Papel – *s.m.* 1. “Metaforicamente, o termo papel designa o conjunto de texto e da interpretação de um mesmo ator.” (PAVIS, 2011 p.275). 2. Aquilo que a autora do TCC está pedindo permissão para exercer em seu próprio TCC.

“P da vida” – expressão que remete a grande quantidade de raiva.

Paralelos – *s.m.* 1. Plural de paralelo, que em seu sentido figurado, quer dizer “que segue, que se desenvolve na mesma direção” (GOOGLE, 2020)

Patriarcal – *s.m.* 1. Relativo ao patriarcado, que é a forma de organização social em que predomina a autoridade paterna, masculina. (GOOGLE, 2020). 2. Para a autora deste TCC é a concepção de que o macho é o chefe, por dar todo o sustento da família, que decide de maneira vertical sobre todas as questões financeiras, religiosas, afetivas e políticas de uma família. É importante ressaltar que, de acordo com dados do IBGE (2010) 87,4% das famílias brasileiras são compostas por mulheres responsáveis pela família, sem cônjuge, mas com filhos – residentes em domicílios particulares. O “curioso” de se observar esses dados é ter noção que mesmo com essa realidade, o Brasil segue sendo patriarcal, mesmo com diversas famílias possuindo pais ausentes. “Enfim, a hipocrisia.”

Pedagogia de projetos – Para Prado (2003)

[a] pedagogia de projetos, o aluno aprende no processo de produzir, de levantar dúvidas, de pesquisar, e de criar relações, que incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e construções de conhecimento. E portanto, o papel do professor deixa de ser aquele que ensina por transmissão de informações [...] para criar situações de aprendizagem cujo foco incide sobre as relações que se estabelecem neste processo, cabendo ao professor realizar as mediações necessárias para que o aluno possa encontrar sentido naquilo que está aprendendo, a partir das relações criadas nessas situações. (p.2)

Pen drive – *s.m.* 1. Pequeno dispositivo de armazenamento de informação que se liga ao computador através de uma entrada *USB*. 2. A autora deste TCC sugere você reler as definições de *cd* e *dvd*. Releu? Então, imagina um artefato que você pode salvar foto, música, vídeo, arquivo *Word.*, *.PPT*? Imaginou? Pois

é, o problema é que “toda vez” que você precisa dele acontece o seguinte: ou ele não funciona ou ele some.

Performance – *s.f.* 1. “Teatro que associa, sem preconceber ideias, artes visuais, teatro, dança, música, vídeo, poesia e cinema. [...] Enfatiza-se a efemeridade e a falta de acabamento da produção, mais do que a obra de arte representada acabada.” (PAVIS, 2011 p. 284). 2. Geralmente é aquilo que provoca a reflexão, a quebra da rotina, a quebra do comum. Pessoas que não tiveram tanto contato com educação artística, que não frequentam muito teatro, museus, shows, apresentações artísticas etc., geralmente ficam na dúvida se algumas performances podem ser consideradas arte ou não – o que ressalta ainda mais a falta de informação e formação ao se achar que há certo ou errado na arte, né não?. 3. A autora deste TCC ressalta que, assim como vários dos outros verbetes deste glossário, é complexo resumir em poucas palavras o que é performance. Há discussões eternas na academia por conta disso! Portanto, aprofunde-se em outros lugares. Aqui te dou apenas um vislumbre de certos termos, que não são o foco deste trabalho acadêmico, mas que não poderiam passar despercebidos. Obrigada, volte sempre! Ah, ~~sugiro assistir esse vídeo de IGVT da @fracassatriz chamado “Isso é arte, senhora?” disponível no link <https://www.instagram.com/tv/CHNeC-4ns06/> para compreender o que pode ser performance e como ela pode afetar o cotidiano.~~

Perspectiva sócio-histórica-cultural – *s.f.* 1. É a perspectiva de aprendizagem que não se limita à observação, imitação, demonstravam, exemplificação (MARQUES, 2007 p.2) ou ao inatismo, pois acredita-se que

o aprendizado decorre da compreensão do homem como um ser que se forma em contato com a sociedade. [...] Para Vygostky, a formação se dá numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade a seu redor – ou seja, o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. [Sem generalizações]; o que interessa para a teoria de Vygostky é que a interação que cada pessoa estabelece com determinado ambiente, a chamada experiência pessoalmente significativa. (FERRARI, 2008 sem paginação)

Playback – recurso para artistas que farão uma apresentação ao vivo, mas nem sempre possuem condições, sejam físicas, estruturais ou financeiras. Sendo

assim, eles dublam (fingem que estão cantando, mas só estão mexendo a boca) a música perante a plateia.

Pout pourri – expressão francesa que na nossa língua quer dizer mistura. Sinônimo de *medley* ou *mix* no meio musical. Na música, é usada quando é utilizado fragmentos de diferentes músicas para criar apenas “uma”.

Pretexto – *s.m.* 1. Aquilo que vem antes de um texto, teatral ou não. 2. Aquilo que você arruma como “desculpa” para iniciar uma temática. 3. Item “optatório” (dizem que é optativo, mas é obrigatório) para se trabalhar com pedagogia de projetos na perspectiva do letramento em uma sala de aula de ensino formal.

Pretos – grupo étnico que abrange tanto afro descendentes quanto o povo africano. Cada pessoa preta pode escolher qual terminologia prefere ser identificada (preta ou negra), não cabendo a pessoas de outros grupos étnicos opinarem.

Pringles – *s.f.* 1. Finas rodela de batata salgadas industrializadas e, especialmente, armazenadas em um tubo cilíndrico com tampa - que as pedagogas gostam de usar para fazer “arte” com as crianças. 2. A autora deste TCC não pode comê-las, pois em sua composição tem glúten e esta que vos fala é celíaca. Mas, fica como sugestão experimentá-los juntamente com a pasta de avelã “Nutella” – mas sem pimenta!

Produto final – *s.m.* 1. De acordo com a SEF/MEC (2001b), todo projeto pedagógico precisa ter um produto final, é isso que o difere de outra atividade cotidiana. Esse produto está longe de ter valor de mercado, como o nome pode remeter. “O produto final do projeto dá visibilidade aos processos de aprendizagem e aos conteúdos aprendidos” (p.1). 2. Segundo Valente (1999), o construcionismo “[é] a construção de conhecimento baseada na realização concreta de uma ação que produz um produto palpável [...] de interesse pessoal a quem produz” (*apud* PRADO, 2003 p.1).

PROFA – sigla Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, lançado em dezembro de 2000 pela Secretaria de Educação Fundamental do Ministério

da Educação (SEF/MEC). A autora deste TCC cursou por 5 anos, em uma antiga instituição um curso similar, ministrado por uma professora que cursou o PROFA original.

Profissionalismo – *s.m.* 1. Popularmente conhecido como postura daquele(a) que é profissional, ou seja, que desempenha, com maestria, o seu trabalho. 2. O profissionalismo deve ser diferenciado de profissionalização, pois mais que executar capacidades específicas da profissão, o profissional docente deve construir sua base em orientações éticas e epistemológicas, teóricas e práticas. (VEIGA, I.; ARAÚJO, J.; KAPUZINIÁK, C. 2005 p.36).

“Programa da Xuxa dos anos 90” – A Xuxa é uma famosa apresentadora de programas em canais de televisão aberta para o público infantil nas décadas de 80 e 90, onde fazia jogos de competição entre meninos e meninas. A autora deste TCC considera que estimular a competição entre gêneros na infância é perigosa, pois afasta ainda mais os universos e exclui ainda mais quem não se encaixa no binarismo. Contudo, se pararmos para pensar: na década de 80 e 90 tinha muita coisa perigosa na televisão aberta brasileira, né? Misericórdia.

“Projeto escrito para edital público” – Aquele projeto que você faz nos moldes de um edital público para conseguir fomento público, muitas vezes tendo que prometer muitas contrapartidas para conseguir trabalhar com o que quer e ser remunerado por isso. É comum escrever projetos enormes, com ajuda de vários profissionais, adentrando noites para cumprir tudo o que o edital exige, e mesmo assim não conseguir ser contemplado ou pago por ter elaborado.

Projetos para o FAC – projetos que são escritos para editais públicos lançados pelo Fundo de Apoio à Cultura.

Proponente – *s.m.* 1 De acordo com o dicionário *Google*, aquele que propõe algo. 2. Dos projetos FAC/DF (Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal), aquele que é nomeado como o que propôs o projeto, como o responsável do projeto. (CULTURA/DF, 2020). 3. Do meio artístico, aquele que, geralmente, estava com CEAC (Cadastro Especial de Agente de Cultura) disponível e vai se tornar o responsável por um projeto que, muitas vezes, não é só seu. O proponente acumula funções, tanto artísticas quanto burocráticas, ganhando menos do que realmente deveria, na opinião da autora deste TCC - afinal vai ser

responsável por tudo que der de errado no projeto, mesmo que a culpa não seja sua.

Q

“Quando as máquinas param” - peça de Plínio Marcos, escrita em 1967. É tão antiga e tão atual que assusta. Se veio ler o verbete é porque nunca viu. Leia. Não vou te dar *spoiler*. Favor, não insista!

Quarta parede – *s.f.* 1. “Parede imaginária que separa o palco da plateia” (PAVIS, 2011, p.315). 2. Quando há a quebra da quarta parede significa que quem está no palco pode falar com quem está na plateia; o público passa a não só observar a obra de arte, mas a participar dela. 3. A quebra da quarta parede é considerada, pela autora do TCC, um dos motivos que afasta a ida ao teatro, pois o receio de ser obrigado a interagir é maior que a paixão pela “arte do efêmero”.

Questões ambientais - A autora deste TCC quer falar sobre aquelas questões voltadas para o meio ambiente e sua proteção, colocando a ecologia como prioridade máxima, em detrimento à economia capitalista.

R

Racista – *s.m.* 1. Daquele que pratica o racismo, que por sua vez é a infeliz ideia de que os seres humanos devem ser classificados, existindo raças inferiores, questões que vão além da cor da pele. 2. O racismo estrutural é o sistema racista que oprime pessoas de diferentes etnias, abrangendo tanto afro descendentes quanto o povo africano. (RESENDE, 2009 p.50).

“Raiz quadrada” – *s.f.* 1. Operação matemática relacionada à multiplicação, que nomeia a operação oposta de algum número positivo elevado a segunda potência, ou seja, “elevado ao quadrado” (multiplicado por ele mesmo) simbolizada por $\sqrt{\quad}$. Por exemplo: a raiz quadrada de 4 é 2, portanto, 2 elevado ao quadrado (2^2) é igual a 4.

$$\sqrt{4} = 2$$

Reencarne - *verbo intransitivo. e pronominal.* 1. Vem da palavra reencarnação, que quer dizer “viver de novo”, mas, possivelmente, com outra cara. 2. A autora deste TCC gostaria muito de que em sua próxima reencarnação ela não seja celíaca - para poder comer *Pringles*, ué!

Refletor – *s.m.* 1. Possível instrumento de trabalho da autora deste TCC se a *Netflix* a contratar. 2. “Equipamento técnico, que permite a modificação da luz projetada por uma lâmpada. [...] A modificação dessa luz ocorre por causa de uma série de peças dentro ou fora do refletor que possibilita aumentar a qualidade da luz ou modificar o resultado de sua projeção, como por exemplo, sua intensidade, seu brilho, sua cor e assim por diante.” (SANTANA, 2016 p.111).

Relatório – *s.m.* 1. Documento oficial com conclusões profissionais, feito pelo professor responsável, acerca do desenvolvimento integral de estudantes durante um período de um bimestre, semestre ou ano letivo. 2. No meio em que a autora deste TCC vive, é conhecido como “O terror de fim de ano” das pedagogas, pois gera uma demanda imensa de trabalho, agregado a tudo que elas já fazem. É um documento necessário de extrema importância educacional! Contudo a crítica embutida na palavra “terror” está nos curtos prazos, acúmulo de funções e baixa remuneração.

Release – *s.m.* 1. No meio artístico, material informativo distribuído antes de apresentações artísticas, principalmente teatrais, que contém o nome dos profissionais envolvidos e suas funções.

Religiões de matrizes africanas – são religiões que suas origens vêm da África, muitas vezes misturadas a outras culturas, como a brasileira. Seguem alguns exemplos dessas religiões no Brasil: batuque, candomblé, cabula, culto aos Egungun, catimbó, umbanda, quimbanda, xambá e omolocô. (Ação Educativa, 2013) Infelizmente, são religiões alvo de muito preconceito no Brasil, principalmente pela falta de informação quanto a essas religiões. De acordo com o jornalista Alan Rios, no *Correio Braziliense* de 11/11/2019, 59,42% dos crimes de intolerância religiosa, possuem religiões de matrizes africanas como alvo. A autora deste TCC é umbandista.

“Respeito muito minhas lágrimas, mas ainda mais minha risada” – Outro trecho da música “Vaca profana” de Caetano Veloso. (vide verbete “de perto, ninguém é normal)

Risos - *s.m.* 1. Ato de rir. 2. Palavra usada em diálogos simultâneos escritos para avisar ao destinatário que você supostamente riu enquanto escrevia. 3. Expressão usada nas redes sociais para enfatizar uma ironia, um eufemismo, ou até “forçar” assuntos e/ou expressões mais “densos” a parecerem menos nocivos. (Risos)

S

Saída de campo – mais que um passeio escolar, uma atividade que possibilita a investigação e vivência *in loco*, coletivamente, com a professora e os demais estantes.

Selfie tape – *s.m.* 1. Obra audiovisual registrada pelo próprio ator - na maioria das vezes de forma amadora, utilizando a câmera de seu aparelho telefônico móvel - enviada para produtores e/ou diretores de *castings*, a fim de disputar um papel para um trabalho artístico, geralmente, ligado à publicidade. 2. Sinônimo de *self tape* no meio artístico. 3. Também conhecido como sinônimo de “vergonha alheia” nos meios nos quais a autora deste TCC vive, pois ninguém quer fazer ou mostrar seus vídeos *selfies* gravados às pressas para ninguém, quiçá para produtores e diretores.

“Sem dar nome aos bois” – expressão popular que significa que alguém irá exemplificar, contar como faz algo, como já fizeram algo mas não contar o autor, o nome de quem fez, de quem falou ou teorizou aquilo.

“Sem plateia não há teatro!” – Expressão ouvida em diversas ocasiões pela autora deste TCC. Ditas tantas vezes em contextos e por pessoas diferentes que seria injusto referenciar uma só. Vamos então, utilizar uma anotação de Tavares e Araújo (2011) que diz, em seu diário de campo, algo semelhante.

A plateia é nosso resultado. A gente precisa chegar nela. A gente não pode fazer teatro pra ninguém ir. Então, por exemplo, se eu faço uma

peça, eu tenho que pensar na sensibilidade, no conforto, num monte de coisa, mas principalmente pra que plateia eu estou fazendo. Isso se chama público-alvo. (p.199)

Sequência pedagógica – s.f. Também conhecida como “sequência didática” no meio pedagógico, são as ações com intencionalidade pedagógica bem definidas estruturadas em cadeia, para potencializar o processo de ensino-aprendizagem. ~~Olha aí como eu sei escrever academicamente sem piada, hein? Quer dizer... Deixa pra lá!~~

“Sou de Áries” – expressão proferida por pessoas nascidas entre o período de 21 de março a 20 de abril, cujo signo solar é representado por um carneiro. Geralmente, essa fala “justifica” alguma atitude impulsiva, proativa, ansiosa, destemida ou - por que não? - babaca de um ariano.

Stand Up Comedy – s.f. 1. É a denominação, em inglês, para um *show* humorístico, desempenhado, em sua maioria, por um único comediante, sem figurino ou caracterização, que apresenta seu texto autoral para público em performance que satiriza o cotidiano das pessoas (REBOUÇAS, 2012). Vale ressaltar o quão difícil é atingir o público com esse tipo de humor, pois exige esforço etnográfico por parte dos humoristas, para ironizar verdades, muitas vezes, ocultas de uma cultura pelo viés da comicidade (SECHINATO, 2016). 2. A coisa mais difícil que a autora deste TCC já tentou fazer na vida.

Stanislavsky - é um dos grandes teóricos e sistematizadores do trabalho do ator, conhecido como criador de um “sistema” baseado em ações físicas que potencializam o interior do personagem que estamos vivendo. (STANISLAVSKY, 2014)

T

Tabus – s.m. 1. Plural de tabu, que é sinônimo de inquestionável, proibido, sagrado. (GOOGLE, 2020). 2. A autora deste TCC definiria como primo do dogma, só que com o nome é mais descolado.

Tainá Baldez – *s.f.* 1. Atriz, cantora, dançarina e professora brasileira, formada pela UnB. 2. Considerada, pela autora deste TCC, como “aquela que sempre vence qualquer *casting*”, pois é maravilhosamente boa em tudo que faz.

Tangenciais – adjetivo de dois gêneros. 1. Plural de tangente, que no sentido figurado, quer dizer de maneira superficial, sem aprofundamento (GOOGLE, 2020).

“Tá se achando” – expressão proferida por alguém que quer “baixar a bola” de uma pessoa metida. É uma acusação formal de que alguém não está sendo humilde como deveria. É um apontamento, que pode ser injusto, ou não, para alguém que está com autoestima.

TCC – sigla Trabalho de Conclusão de Curso, obrigatório para a conclusão da graduação em Artes Cênicas licenciatura na Universidade de Brasília.

Teatralidades – mudança de regime do teatro, que se liberta do espetacular associando o espectador à produção do simulacro cênico e a seu caráter processual. (SARRAZAC, 2013 p.57)

Teatro de bolso – *s.m.* Espaço, na maioria, alternativo criado para ser teatro de pequeno porte, com capacidade de público reduzido, geralmente até 50 pessoas. É comum que equipamentos de som e iluminação estejam fundidos com a própria plateia ou caixa cênica. Difere-se de teatro de instalação, pois sua instalação não é provisória. Exemplos de espaços de teatro de bolso em Brasília, na W3 Norte: E.t.c.a. e Oficina do Perdiz – lugares estes, que a autora do TCC se apresentou antes de dedicar-se novamente somente à vida docente.

Teatro Esporte – *s.m.* 1. Obra artística em que se aplica o método de improvisação teatral criado por *Keith Johnstone* também chamado de *Impro*, no qual deseja-se devolver a espontaneidade ao ator, colocando-o como centro da criação teatral, e o público como parte integrante e fundamental na criação do espetáculo. (ACHATKIN, V.C., 2010 p.15).

TodEs - *linguagem inclusiva que permite que o mundo não gire somente ressaltando o gênero masculino em toda escrita que fala de um coletivo plural.* Se até as palavras podem "escolher" seu gênero, por que as pessoas não?

“Tomar partido” – expressão que significa tomar um lado, se posicionar, escolher um partido para seguir. Amplamente dita das pessoas que não ficam “em cima do muro” em debates polêmicos.

Transdisciplinariedade - *s.f.* 1. É um conceito educacional que compreende o sujeito e o conhecimento como plurais. Assim, ao invés de dividir o ensino em blocos estanques, sugere-se o pensamento fluído, mais transversal. 2. A autora deste TCC se considera transdisciplinar de nascença. Tudo a interessa e sobre tudo quer tratar.

Transfóbico – *s.m.* 1. Daquela que pratica transfobia. (vide definição de “homofóbico” neste mesmo glossário).

Troféu imprensa - 1. Premiação existente no canal do Silvio Santos, Sbt, na qual jornalistas votam em diversas categorias artísticas. 2. A autora deste TCC acha qualquer programa do SBT digno de estudos antropológicos.

U

“Um diabo mordendo seus calcanhares” – 1. Trecho da Canção “Esconde esconde” do álbum infantil “Os Saltimbancos” com músicas compostas e arranjadas pelo compositor argentino Luis Enríquez Bacalov, e adaptadas para o português pelo músico brasileiro Chico Buarque. A interpretação dos animais foi feita por Miúcha (Galinha), Nara Leão (Gata) Magro (Jumento) e Ruy (Cachorro). (Wikipédia, 2020). 2. A autora deste TCC indica preparo prévio por parte da equipe pedagógica ao trabalhar essa canção com crianças de 5 e 6 anos, pois algumas ficam apavoradas, não conseguindo separar a fantasia da realidade. Contudo, não indica o descarte de seu uso em sala de aula, pois traz a possibilidade de lidar com o “medo” e a “fantasia” de modo não convencional e extremamente burocrático - desde que seja uma escolha e não um acidente.

V

“Vai chamar atenção demais pra sua turma.” - expressão recorrente nas instituições privadas de ensino proferidas à autora deste TCC todas as vezes que ela levava uma ideia mais “fora da caixa” e que daria muito trabalho para implementar em todo o segmento. Era um verdadeiro “balde de água fria”, pois era um jeito de dizer “não vai dar, porque não consigo fazer com que todas as turmas façam também”.

Video mapping – *s.m.* 1. É uma projeção mapeada previamente, que permite o direcionamento da luz para a região que receberá um conteúdo visual em uma estrutura 3D. (b_arco, acessado em 2020). 2. Tendência teatral contemporânea “cara” para quem faz teatro independente, como a autora deste TCC.

Viewpoints – *s.f.* 1. Técnica, linguagem e/ou estética de investigação criativa que exige treinamento contínuo dos atores envolvidos. Nasceu de questionamentos da dança, do teatro e, sobretudo, das artes visuais. Compare-se os seis pontos (tempo, espaço, velocidade, duração, repetição e resposta cinestésica) com um cubo mágico, que possibilita inúmeras combinações, mas que mantém a integridade de autonomia de cada parte. (RINALDI, 2016 sem paginação).

Villa-Lobos – *s.f.* 1. A principal sala do Teatro Nacional Cláudio Santoro, em Brasília. É a única sala de ópera e *ballet* da cidade, com capacidade de 1.407 lugares. (CULTURA/DF, acessado em 2020). 2. A primeira vez que a autora deste TCC pisou nessa sala como plateia, ela chorou, mesmo sendo espetáculo de comédia de improviso. Esteve presente no último espetáculo apresentado lá, na plateia e chorou novamente, mesmo sendo um solo cômico de Lúcio Mauro Filho. Prometeu a si mesma que quando reabrisse ela estaria no palco. **Observação:** o teatro está fechado desde 2014, por recomendação do Corpo de Bombeiros e Ministério Público e até hoje não foi reaberto, apenas o *Foyer* da Sala Villa-Lobos está aberto. Será que é o universo dando tempo para a autora do TCC se preparar? Ou talvez uma enorme burocracia para colocar uma reforma ousada e caríssima em prática.

W

WhatsApp – aplicativo utilizado para conversas entre duas ou mais pessoas com a possibilidade de enviar arquivos de texto, áudio, voz, imagem e localização exata.

X

Y

Youtuber – profissão derivada do *site* da *Google* chamado “youtube.com”, no qual possibilita profissionais e/ou amadores, de diversos nichos, a postarem vídeos para o público assistir gratuitamente.

Z

FICHA TÉCNICA

ACHATKIN, V.C. **O Teatro-esporte de Keith Johnstone**: o ator, a criação e o público. São Paulo, Vera Cecília Achatkin, 2010. Disponível em <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-01122010-095804/publico/1663030.pdf>> Acesso em 22/11/2020.

ANDRADE, J. **Autópsia**. SESC Paulo Autran. Taguatinga, 2017.

ARTAUD, A. **O teatro e seu duplo**. Tradução: Teixeira Coelho. 3ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 2006.

BARROS, E; CAMARGO, R.; ROSA, M. **Vigotski e o teatro: descobertas, relações e revelações**. Psicol. estud. vol. 16. Nº 1. Maringá, 2011.

BENETTI, B.; BROCHADO, I. **Mulheres & o mamulengo** - um estudo de caso em Glória do Goitá. Urdimento, v.2. n. 32. p. 183-196. 2018. Disponível em <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102322018183/8768>> Acessado em 02/12/2020.

BOAL, A. **O teatro do oprimido**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

BRIGHENTE, M.; MESQUIDA, P. **Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora**. Pro-posições, vol. 27: Campinas, 2016. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072016000100155&script=sci_arttext Acessado em 29/11/2020.

BUARQUE, C; BACALOV, E. BARDOTTI, E. **Os saltimbancos**. Marola edições musicais. 1977. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9fM7oTIH_P0> Acessado em 29/11/2020.

CARVALHO, Z. **O corpo no teatro de improviso**. 1ª edição. 5 livros, 2019.

COSTA, G. **Dom de iludir**. Minha voz Philips, 1982. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=GdggGXWiAe0>> Acessado em 30/11/2020.

CAZUZA; BRANDÃO, A. **O tempo não para**. PolyGram e Universal Musica. 1989. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5ITetP186yQ>> Acessado em 30/11/2020.

CHACRA, S. **Natureza e sentido da improvisação teatral**. São Paulo, Perspectiva, 2005.

DUAVY, E.; Cia E agora? Teatro de improviso. **Variável**. E.T.C.A., Brasília. 2015.

FERRACINI, R. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas/SP, Editora Unicamp, 2003.

FERRARI, M. **Howard Gardner, o cientista das inteligências múltiplas**. Nova escola, 2008a. Disponível em <[tps://novaescola.org.br/conteudo/1462/howard-gardner-o-cientista-das-inteligencias-multiplas](https://novaescola.org.br/conteudo/1462/howard-gardner-o-cientista-das-inteligencias-multiplas)> Acessado em 29/11/2020.

_____, M. **Lev Vygotsky, o teórico do ensino como processo social**. Nova Escola. 2008b. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/382/lev-vygotsky-o-teorico-do-ensino-como-processo-social>> Acessado em 22/11/2020.

_____. M. **Michel Foucault, um crítico da instituição escolar**. Nova Escola. 2008c. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/1522/michel-foucault-um-critico-da-instituicao-escolar>> Acessado em 02/12/2020.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GABRIEL, O PENSADOR. **Até quando você vai levando?** (porrada, porrada!). Seja você mesmo, mas não seja sempre o mesmo. *Sony BMG Music Entertainment*, 2001.

JÓFILI, Z. **Piaget, Vygotsky, Freire e a construção do conhecimento na escola**. Educação: teorias e práticas. Ano 2, nº 2, 2002. Disponível em <http://sis.posugf.com.br/sistema/rota/rotas_1/115/document/mod_001/objetos/piaget_vigotsky_paulo_freire.pdf> Acessado em 29/11/2020.

MARQUES, R. **A pedagogia construtivista de Lev Vygotsky**. 2007. Disponível em <http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/A%20Pedagogia%20construtivista%20de%20Lev%20Vygotsky.pdf> Acessado em 29/11/2020.

MELLO, A. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo**: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência. Programa de pós-graduação em antropologia social. Florianópolis, 2014. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/182556/PASO0431-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acessado em 29/11/2020.

MUNIZ, M. **Improvisação como espetáculo**. Processo de criação e metodologias de treinamento do ator-improvisador. Editora UFMG, 2015.

NERY, M. ; TORRES, T. ; MENÊSES, C. **Um breve ensaio da psicologia acerca do comportamento consumista na sociedade atual**. Interfaces científicas - Humanas e Sociais Aracaju - v. 01. Nº 1. p.53-62. 2012. Disponível em <[tps://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/164/95](https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/164/95)> Acessado em 30/11/2020.

O RAPPÀ. **O novo já nasce velho.** O silêncio que precede o esporro. Warner Music, 2003. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8P9hBuOwQ8M>> Acessado em 1º/12/2020.

PARR, T; **O livro da Família.** São Paulo, Panda Books, 2013.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro.** 3ª edição. São Paulo, Perspectiva, 2011.

PELISSARI, C. (org). Orientações didáticas gerais para o ciclo de alfabetização. Formação de professores e coordenadores pedagógicos - Somos educação/Sigma. 2018.

PINTO, M. **A dialética da máscara negra:** nego fugido contra o *blackface*. Revista Aspas. Vol 7. Nº 1. 2017. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/131464/133556>> Acessado em 29/11/2020.

PRADO, M. **Pedagogia de projetos.** Pedagogia de projetos e integração de mídias – Programa salto para o futuro, 2003. Disponível em <http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto18.pdf> Acessado em 29/11/2020.

PROENÇA, L. **Peter Pan para os já crescidos.** Sesc Garagem, Brasília. 2013.

PROENÇA, O. **A interpretação pelo Sistema Coringa na montagem acadêmica de “Os mamutes” de Jô Bilac.** IESB. Brasília, 2017.

PLANALTO. Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm> Acessado em 29/11/2020.

_____. **LDB:** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em 22/11/2020.

_____. **Lei nº12.796 de 2013.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm> Acesso em 22/11/2020.

_____. **Lei nº 13.278, de 2016.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2016/lei/l13278.htm> Acesso em 22/11/2020.

REBOUÇAS, M. **A competência comunicativa em comédia: de que mesmo eles estão rindo?** Nº1, Vol.1 Caderno de aulas do LEA, 2012. Disponível em

<file:///C:/Users/Carina/Downloads/2704-Texto%20do%20artigo-11197-1-10-20200426.pdf> Acesso em: 14/11/2020.

REIS, T., org. Manual de Comunicação LGBTI+. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. ISBN: 978-85-66278-11-8 Disponível em <<httpscis://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>> Acessado em 1º/12/2020.

RESENDE, c. **A nossa cor: um retrato do racismo no Brasil.** São Paulo, Biblioteca24horas, 2009.

RICHARDS, T. **Trabalhar com Grotosky sobre ações físicas.** Tradução Patrícia Furtado Mendonça. São Paulo, Perspectiva, 2014.

RINALDI, M. **Teoria e prática do Viewpoints:** Mary Overlie, Anne Bogart e Coletivo Improviso / Miriam Rinaldi. São Paulo, 2016. Disponível em <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-06022018-094418/publico/MiriamRinaldiGoldbaum.pdf>> Acessado em 30/11/2020.

RIOS, A. **Religiões de matriz africana são alvos de 59% dos crimes de intolerância.** Correio Braziliense. Brasília, 2019. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/11/11/interna_cidadesdf,805394/religoes-de-matriz-africana-alvos-de-59-dos-crimes-de-intolerancia.shtml> Acessado em 30/11/2020.

SANTANA, Marcelo Augusto. **Haja luz!** Manual de iluminação cênica. Brasília/DF, SENAC, 2016.

SCHMIDT, C. **Dialogismo entre os irmãos Grimm e Chico Buarque:** revisitando narrativas infantis clássicas. Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol. 16. Nº 32, 2015. Disponível em <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/11812/8697>> Acessado em 29/11/2020.

SECHINATO, J. **No espetáculo do riso: uma abordagem etnográfica da comédia *stand up*.** Juliana Spagnol Sechinato. São Carlos: UFSCar, 2016. Disponível em <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7801/DissJSSer.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 14/11/2020.

SEF/MECa. **PROFA – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores.** Coletânea de textos. Módulo 1, unidade 9, anexo 1. 2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Profa/col_3.pdf> Acesso em 22/11/2020.

SEF/MECb. **PROFA – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores.** Coletânea de textos. Módulo 3, unidade 2, Tema 5. 2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Profa/col_3.pdf> Acesso em 22/11/2020.

SENA, I.; PEREIRA, M. **A lógica de uma educação mercadológica e suas implicações**. Universidade, EaD e Software Livre. Minas Gerais, 2016. Disponível em <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueads/article/viewFile/11695/10066>> Acessado em 30/11/2020.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. 4ª edição. São Paulo, Perspectiva, 2001.

TAVARES, G. ; ARAÚJO, V. **A relação ator-palco-plateia: um estudo da aprendizagem do devir-consciente no teatro**. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Psicologia: Teoria e Prática, vol. 13, núm. 3, 2011, pp. 194-205 São Paulo. Disponível <<https://www.redalyc.org/pdf/1938/193821358015.pdf>>. Acesso em 21/11/2020.

VEIGA, I.; ARAÚJO, J. KAPUZINIAK, C. **Docência: uma construção ético-profissional**. São Paulo, Papyrus, 2005.

VELOSO, C. **Vaca profana**. Totalmente demais. Caetano Veloso. Philips Records, 1986. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IWXiA3fzi8Y>> Acesso em 21/11/2020.

VERGARA, S.; VIEIRA, M. **Sobre a dimensão tempo-espaço na análise organizacional**. Revista de Administração Contemporânea, vol.9, nº 2, Curitiba, 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-6552005000200006> Acesso em 14/11/2020.

SITES

ABNT. **Missão**. Disponível em <<http://www.abnt.org.br/>> Acesso em 22/11/2020.

Ação Educativa. **Religiosidade: as religiões de matrizes africana e a escola**. 2013. Disponível em <<http://www.acordacultura.org.br/artigos/18102013/religiosidade-as-religioes-de-matriz-africana-e-a-escola>> Acessado em 30/11/2020.

AMAZON. Disponível em <<https://www.amazon.com.br/Psicog%C3%AAnese-l%C3%ADngua-escrita-Emilia-Ferreiro/dp/8573075724>> Acessado em 29/11/2020.

ARAÚJO, F. **Irmãos Grimm**. Disponível em <<https://www.infoescola.com/biografias/irmaos-grimm/>> Acessado em 29/11/2020.

BARBIXAS. **Improvável**: dicionário. Vol.1. 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yxmJ3y3Ri_g>. Acesso em 22/11/2020.

B_arco. **Os principais elementos do vídeo mapping.** Disponível em <<https://barco.art.br/os-principais-elementos-do-video-mapping-com-ivan-soares/>> Acessado em 30/11/2020.

CULTURA/DF. **Teatro Nacional Cláudio Santoro.** Disponível em <<http://www.cultura.df.gov.br/teatro-nacional-claudio-santoro>> Acesso em 22/11/2020.

_____. **FAC: O Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.** Disponível em <<http://www.cultura.df.gov.br/fac/>> Acesso em 22/11/2020.

ECAD. **Nossa missão.** Disponível em <<https://www3.ecad.org.br/o-ecad/Paginas/default.aspx>> Acesso em 22/11/2020.

FUNARTE. **Nossa missão.** Disponível em <<https://www.funarte.gov.br/a-funarte/>>. Acesso em 21/11/2020.

FUZARRO, N. **Conheça a história da Barbie, que comemora 60 anos em 2019.** Disponível em <<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/noticia/2019/02/conheca-historia-da-barbie-que-comemora-60-anos-em-2019.html>> Acessado em 30/11/2020.

GOOGLE. **Dicionário online.** 2020. Disponível em <<https://www.google.com>> Acesso em 10/11/2020.

MUSEU DO MEME **Enfim, a hipocrisia.** Disponível em <<https://www.museudememes.com.br/sermons/enfim-a-hipocrisia/#:~:text=O%20meme%20%E2%80%9Cenfim%2C%20a%20hipocr>> Acessado em 29/11/2020.

NETFLIX, 2020. Disponível em <<https://help.netflix.com/pt/node/412>>. Acesso em 14/11/2020.

SESAB. Glossário LGBT. Governo do estado da Bahia. 2020. Disponível em <<http://www.saude.ba.gov.br/atencao-a-saude/saude-de-todos-nos/saudelgbt/glossario-lgbt>> Acessado em 29/11/2020.

SIGNIFICADOS. **Namastê.** Disponível em <<https://www.significados.com.br/namaste/>> Acessado em 30/11/2020.

WIKIPEDIA. **Álbum Os saltimbancos.** 2020. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Saltimbancos_\(%C3%A1lbum\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Saltimbancos_(%C3%A1lbum))> Acessado em 30/11/2020.

